



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**Percepções sobre a Regência de contexto na Educação Infantil como Prática de
Ensino Aprendizagem no Estágio Supervisionado**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Núbia de Oliveira Santos.

Orientanda: Kelly do Nascimento Soares.

Rio de Janeiro - RJ
2019



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

KELLY DO NASCIMENTO SOARES

**Percepções sobre a Regência de contexto na Educação Infantil como Prática
de Ensino Aprendizagem no Estágio Supervisionado**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito
parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Núbia de Oliveira Santos.

**Rio de Janeiro /RJ
2019**

KELLY DO NASCIMENTO SOARES

**Percepções sobre a Regência de contexto na Educação Infantil como Prática
de Ensino Aprendizagem no Estágio Supervisionado**

Aprovada pela Banca Examinadora

Rio de Janeiro, ____/____/____

Profa. Dra. Núbia de Oliveira Santos

Orientadora UFRJ

Profa. Dra. Daniela de Oliveira Guimarães

Profa. Dra. Deise Arenhart

Dedicatória:

Dedico este trabalho acadêmico a todos que de alguma forma contribuíram para sua construção principalmente aqueles profissionais que todos os dias dão o seu melhor para que as crianças, adultos e jovens tenham uma educação de qualidade. Aos professores regentes, aos orientadores e futuros docentes que me receberam de braços abertos, prestando o seu apoio e compreensão ao longo do meu período de estágio. Aos que fizeram parte desse estudo, pelo tempo dedicado, pela disposição em participar e por fazer parte de alguma forma da minha construção pessoal e profissional, que sempre se propõe a repensar a formação docente, foi com vocês que tive a oportunidade de aprender durante a minha graduação.

Dedico igualmente este trabalho a cada uma das crianças que conheci: Jonnas, Esther, Lucas, Pérola Cristal, e tantas outras, que me marcaram, e me fizeram perceber que a escola não é como eu sempre imaginei monocromática, homogênea, e constante. Pelo contrário ela é policromática, surpreendente e inconstante. Foi assim através desses pequenos, que me deparei com novas e inusitadas possibilidades de enxergar a escola, o que nem sempre é fácil, mas quando você realmente se esforça a recompensa pode ser apaixonante.

AGRADECIMENTOS

Sei que minha formação em nível superior nesse curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro não poderia ter sido concretizada sem a ajuda dos meus pais. Pai você que do seu jeito me incentivou, e a cada dia não via a hora da gente se formar (esse dia chegou), e você mãe, que mesmo a gente exausta do trabalho, se dedicava a me ajudar em cada estágio, a produzir os materiais didáticos para as regências. A minha querida Belly sempre fiel ao meu lado. A minha orientadora com sua disponibilidade e confiança. A minha grande amiga e companheira dessa universidade Rosana Martins Fernandes que chorou, sofreu e sorriu junto a mim no decorrer dessa jornada acadêmica. Finalmente agradeço a Faculdade de Educação da UFRJ e todo o corpo docente pelo aprendizado e troca de experiência recebida durante a minha graduação.

Meu imenso e eterno agradecimento a vocês. Sem recorrer a vocês, aos meus conhecimentos da integridade, da perseverança e da sabia fé de procurar sempre em Deus à força maior para o meu desenvolvimento como ser humano nada seria possível.

EPÍGRAFE

“Mesmo quando tudo parece desabar cabe a mim decidir entre rir e chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar. Porque percebi, no caminho incerto da vida, que o mais importante é o decidir.”

(Cora Coralina)

RESUMO

SOARES, Kelly Nascimento. Percepções sobre a Regência de Contexto na Educação Infantil como Prática de Ensino Aprendizagem no Estágio Supervisionado. Rio de Janeiro, 2019. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) Faculdade de Educação (FE), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

Este trabalho trata-se da importância do estágio curricular enquanto formação nas práticas de regências. Para conduzir o estudo foi realizada uma pesquisa qualitativa on-line com a participação de três docentes recém-formados no curso de pedagogia da UFRJ. Com o objetivo de investigar os sentidos atribuídos a respeito das práticas de regência de contexto no estágio curricular e a sua formação docente. A intenção foi trazer a tona quais as contribuições (ou não) ocorreram na formação dos recém-licenciados com as experiências de prática com regência de contexto no estágio curricular no curso de Pedagogia. Alguns autores contribuíram para o embasamento teórico desse estudo, entretanto pontuo como referências principais Ana Freire (2001) e Ostetto (2008) com apoio nesse suporte teórico e nos resultados indicados na pesquisa, exponho alguns aspectos que apontam a necessidade de se levar as contribuições desse estudo para o cotidiano das instituições de Educação Infantil buscando investir mais nas práticas de regência ampliadas promovendo aprendizagens cada vez mais significativas. Pois, este trabalho indicou que a regência de contexto no estágio curricular para a formação dos graduados pesquisados se revelou provedora de práticas pedagógicas na educação infantil mais substanciais.

Palavra-chave: Educação Infantil – Formação docente – Regência – Estágio Supervisionado

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Ambiente organizado para brincar com massa de modelar.	28
Figura 2 - Ambiente organizado com vários objetos para brincadeira	29
Figura 3 - Ambiente organizado com brinquedos	29
Figura 4 - Registro terceiro dia Regência de Contexto na Creche	33
Figura 5 - Crianças em atividades com massa de modelar e objetos	34
Figura 6 - Atividade segundo dia regência de contexto na creche	34
Figura 7 - Ambiente planejado e organizado com brinquedos	39
Figura 8 - Um convite a brincadeira	40
Figura 9 - Espaço dividido em três ambientes diferentes	41
Figura 10 - As crianças brincando na mesa com objetos e utensílios plásticos, descartáveis	41
Figura 11 – Cantinho dos brinquedos	42
Figura 12 - As crianças brincando na atividade da regência	42
Figura 13 - Brincando de falar no celular terceiro dia de regência	43
Figura 14 - O ato de contar uma história	44
Figura 15 - Compartilhando experiências de leitura	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO 1 – O ESTÁGIO CURRICULAR E A PROPOSTA PEDAGÓGICA DA DISCIPLINA PRÁTICA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	10
CAPÍTULO 2 – EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO E REGÊNCIA DE CONTEXTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	24
CAPÍTULO 3 – ASPECTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA	47
3.1 – Dados dos sujeitos participantes da pesquisa	50
3.2 – Perfil dos sujeitos que participaram da pesquisa	51
3.3 – Percepções sobre a regência de contexto na Educação Infantil	53
3.4 – Articulando as percepções dos professores sobre os estágios com regência de contexto na Educação Infantil	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	69

INTRODUÇÃO

“Mesmo quando tudo parece desabar cabe a mim decidir entre rir e chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar. Porque percebi, no caminho incerto da vida, que o mais importante é o decidir.”

(Cora Coralina)

Durante a minha trajetória acadêmica de graduação em Pedagogia na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, vivenciei as práticas de ensino e gestão no estágio curricular. Porém, o maior desafio que se mostrava pra mim era quando chegava o momento das avaliações práticas (as regências).

As regências são obrigatórias, é a parte avaliativa da sua prática docente do curso de Pedagogia. O momento em que o futuro professor tem a oportunidade experienciar no estágio curricular a sua docência. Essa etapa na minha formação sentia muita insegurança e medo, pois constatava na observação nos estágios um enorme distanciamento entre o que eu imaginava ser e a realidade de dificuldades apresentada nas escolas. Corresponder às reais necessidades apresentadas nas escolas não é uma tarefa fácil.

A autora Cora Coralina foi a fonte de força e inspiração para superar esses desafios. Como relata em uma pequena parte de um dos seus inúmeros escritos que diz; *“quando tudo parecia desabar entre rir e chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar. No incerto da vida, eu fazia o que é mais importante decidir”*. Cora foi de suma importância em minha formação, pois através de seus poemas e história de vida fortaleceu a minha caminhada até o momento.

O estágio curricular por ser um elemento que é aliado às disciplinas que formam o currículo do curso, se apresenta com especificidades diferentes para cada área de atuação profissional dos docentes em formação. Sendo assim, na prática de Educação Infantil tive uma experiência diferenciada no estágio onde surgiu a motivação para este trabalho.

Nas minhas outras regências como experiências de prática nos estágios ocorreu apenas uma aula com duração de 50 minutos. Na Educação Infantil foi diferente, conheci a chamada: regência de contexto: uma prática pedagógica avaliativa mais ampla dentro do estágio curricular. Propõe realizar um planejamento de contexto com as crianças na creche. No meu caso a

intervenção ocorreu durante três dias no momento dos cuidados corporais das crianças. Partindo da observação da forma conturbada que ocorria essa chamada rotina “hora do banho”. A proposta teve a intencionalidade de tentar alterar esse momento do banho das crianças na creche. Essa prática regente algo novo que experimentei e me fez sentir a docência de forma diferente.

Sobre esse processo avaliativo formativo (as regências) que passam todos os estagiários para se tornarem futuros professores dentro do estágio temos essa prática que acontece uma vez com duração de 50 minutos e não é possível refazer no estágio supervisionado. Em contrapartida a regência de contexto que só acontece na prática de Educação Infantil e surge como novidade no sentido que amplia as experiências e possibilidades de aprendizagens, quando proporciona maior chance de vivenciar o cotidiano da prática docente.

Por isso, a pretensão dessa pesquisa é refletir sobre essa experiência de regência no Estágio. E quais as contribuições (ou não) para a formação do licenciado. Busca investigar os sentidos atribuídos por aqueles que assim como eu tem no currículo a formação prática na disciplina de Educação Infantil com regência de contexto. Diante disso surge a minha justificativa pessoal em querer investigar. Qual seria visão dos licenciados que cumpriram estágios na disciplina de Práticas de Educação Infantil no que diz respeito ao estágio com regência de contexto?

Ponto refletir sobre o estágio com foco nas atividades de regências a partir das contribuições de Ana Freire (2001) e Ostetto (2008). Para as autoras, o estágio envolve concepções que favorecem uma atuação profissional com reflexão crítica. Diante disso, compreender a prática nos estágios sua real colaboração e quais significados têm gerado como intervenção na prática docente dos recém-graduados no Curso de pedagogia esses resultados podem trazer novas perspectivas para favorecer a produção acadêmica.

O trabalho foi estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo, aborda o estágio curricular e a proposta pedagógica da disciplina Prática de Ensino Educação Infantil. O segundo capítulo, traz o relato da minha experiência no estágio com a regência de contexto na Educação Infantil. No terceiro capítulo, será apresentada a análise de dados sobre a pesquisa e o que foi possível revelar com este estudo. E por fim as considerações finais.

CAPÍTULO 1 - O ESTÁGIO CURRICULAR E A PROPOSTA PEDAGÓGICA DA DISCIPLINA PRÁTICA DE ENSINO EDUCAÇÃO INFANTIL.

Conforme a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 o estágio supervisionado é uma exigência nos cursos de formação docentes. Nos termos da legislação em vigor os estágios devem constar com atividades da prática profissional e serão exercidas em situações reais de trabalho. É uma atividade obrigatória que deve ser realizada pelos alunos de cursos de Licenciatura e deve cumprir uma carga horária pré-estabelecida pela instituição de Ensino.

Portanto, os estágios segundo a LDB obedecerão a regulamentos próprios, para cada curso e serão elaborados pelos Coordenadores do curso e aprovados pelo Conselho Superior. Sendo assim, cada curso possui uma carga horária total do estágio previsto no currículo pleno do curso.

O currículo da UFRJ sofreu uma mudança na carga horária de estágio, a medida foi tomada pelo corpo docente, discente e pelos técnicos administrativos da Faculdade de Educação entre 2013 e 2014. Esse ajuste na proposta curricular ocorreu a partir da obrigatoriedade da Lei Federal 10.172/2001, referendada pela Meta 12.7 do PNE 2011-2020) e na UFRJ (Resolução CEG N. 2/2013) que determina aos cursos de graduação das universidades brasileiras dediquem no mínimo 10% de sua grade curricular as atividades de extensão.

Dessa forma, a universidade teve que fazer essa alteração para incluir as atividades extensionistas no currículo e a solução foi transferir 100 horas da carga horária dos cinco Estágios Supervisionados e 90 horas de Disciplinas Complementares de Livre Escolha para as atividades de Extensão.

Portanto, a partir do semestre 2018.1 passamos a ter que cumprir 100 horas na escola e 60 horas na sala de aula, somando 160 horas. Para todos, ou seja, as horas complementares foram retiradas. Não é mais obrigatório fazer as 30 horas complementares.

Veja como as horas de estágios passaram por mudanças no semestre de 2018.1 Conforme mostra os dois quadros comparativos abaixo:

Mudança nas horas do estágio supervisionado da Pedagogia	Disciplinas Práticas	Currículo de 2008 Até o Semestre 2017-2
Período		CARGA HORÁRIA TOTAL: 180 h
5º	Prática de Ensino em Magistério das Disciplinas Pedagógicas do Ensino Médio.	60 h de teoria (aulas);
6º	Prática em Política e Administração Educacional	90 h na prática (na escola);
7º	Prática de Ensino em Educação Infantil	30 h de atividades complementares.
8º	Prática de Ensino em Séries Iniciais do Ensino Fundamental	* Para cada disciplina de prática no estágio supervisionado.
9º	Prática de Ensino em Educação de Jovens e Adultos	

Mudança nas horas do estágio supervisionado da Pedagogia	Disciplinas Práticas	Currículo 2015-2 Semestre 2018.1 e Atual
Período		CARGA HORÁRIA TOTAL: 160 h
5º	Prática de Ensino em Magistério das Disciplinas Pedagógicas do Ensino Médio.	60 h de teoria (aulas);
6º	Prática em Política e Administração Educacional	100 h na prática (na escola);
7º	Prática de Ensino em Educação Infantil	
8º	Prática de Ensino em Séries Iniciais do Ensino Fundamental	* Para cada disciplina de prática no estágio supervisionado.
9º	Prática de Ensino em Educação de Jovens e Adultos	

Retomando o quadro anterior essas 30 h complementares de cada estágio ficaram divididas assim: 10 h foi para a escola, que antes era 90 h passou para 100 h na escola e 20 h para extensão. Somando 100 h de extensão. É importante destacar, que as horas de extensão só corresponde para os alunos que ingressaram na faculdade a partir de 2015.1 aos alunos ingressantes antes de 2015.2 prevalece as 180 horas previstas no currículo de 2008 e o próprio sistema integraliza os créditos e horas fazendo a equivalência das práticas.

Portanto, atualmente no curso de Pedagogia da UFRJ temos um total de 160 horas divididas em: 60 horas de teoria presenciadas em sala de aula (na universidade), através de uma das cinco disciplinas de prática sob orientação docente e com as trocas de experiências relatadas das observações nos estágios entre os alunos da graduação e professores. E 100 horas no estágio, ou seja, de vivência dentro de uma instituição pública de acordo com a habilitação da disciplina da prática podendo ser gestão, magistério, séries iniciais do ensino fundamental, Educação de Jovens e Adultos, e Educação Infantil.

Cabe ressaltar que durante essas 100 horas “geralmente” só se tem uma oportunidade (durante a regência) de assumir o ambiente profissional o restante deste tempo é direcionado a refletir sobre a teoria/prática docente que o discente possivelmente ainda não exerce. Ao fazer está afirmação, não tenho a intenção de definir as relações entre os professores regentes e os alunos/estagiários que participam dos estágios curriculares. Afinal o processo formativo é algo individual e temos experiências diversas de aprendizagens ao longo da jornada de formação acadêmica. E nem busco diminuir a importância do tempo que é direcionado para reflexão teórica no interior da universidade.

Entretanto, refletir sobre o meu processo formativo como aluna ingressante do ano de 2013. 1 ao longo desses semestres é relevante. Fazendo parte do currículo antigo de 2008, realizei 90 horas de estágio, nas instituições escolares. E posso afirmar que ouvi dos colegas na universidade relatos construídos dessas vivências de prática nos estágios, que podem constata aprendizagens adquiridas diretamente vinculadas ao estágio curricular, mas também muitos que não se identificavam com a área de

atuação em que cumpria seu estágio curricular obrigatório, mesmo assim tinha que pôr em prática sua atuação docente. Tinham uma visão reducionista sobre o estágio e a regência que realizaram como mera observação e cumprimento de carga horária, demonstram a falta de sentido quanto à importância do estágio para sua formação. O que era mencionando é a avaliação final da disciplina através de relatório, como uma preocupação maior a ser cumprida. Nos relatos dos colegas o “escrever” e “registrar” as atividades no estágio era mais importante. Isso indica a necessidade de se trabalhar mais o sentido da observação e co-participação no estágio curricular.

Pois, partindo novamente da minha experiência e dos relatos dos colegas do curso de Pedagogia que exaltavam: no estágio seu papel era de observação, com o mínimo de co-participação, ou seja, apenas “ajudar” e “auxiliar” como única demanda das suas atribuições diante do professor regente renegando a possibilidade do futuro profissional exercer a prática docente (com exceção das regências).

Outros com expectativas das aulas de práticas maiores que a realidade, porque as chamadas aulas de prática de ensino são em sua maioria momentos de discussão dos textos teóricos com os relatos dos alunos estagiários sobre as práticas observadas dos professores regentes nos estágios realizando um maior aprofundamento teórico. Posteriormente, esses alunos estagiários são avaliados a partir de relatórios descritivos e de uma aula ou atividade (no caso da Educação Infantil), ministrada por ele na presença do professor-regente e do professor do curso de Pedagogia da FE/UFRJ responsável pelo estágio.

Porém, a observação: o valor formativo dessa ação é inquestionável. Citando Miguel Zabalza (2004), *“sem olhar para atrás, é impossível seguir em frente.”* Quando observamos o cotidiano escolar torna possível o distanciamento da ação, para avaliar, planejar, revisar e refletir diante da sua prática. Essa reflexão é o ponto para realização dos registros escolares o que permite uma avaliação e a identificação de pontos positivos e negativos para os reajustes da sua prática docente.

Sobre a co-participação: podemos afirmar que é fundamental, é o que fornece subsídios para o trabalho do professor regente. Entendo que contar histórias não é mais importante do que banhar os bebês, ou alimentar as crianças e não menos importante do que vivenciar um projeto, por exemplo,

porque todas essas ações fazem parte do currículo nessa etapa do desenvolvimento infantil. E somente a observação que permite conhecer as crianças para poder atuar.

Entretanto, Só questiono a razão de durante o período de estágio (com exceção dos dias de regência) não tive a oportunidade de co-participação nos diferentes momentos da rotina hora de comer, brincar, dormir entre outras atividades com as crianças. As atribuições diárias como estagiária que eram: organização das mochilas, agendas e roupas das crianças, fazer a lista de presença entre outras atividades diárias que não permitia uma aproximação maior com as crianças. Somente nos últimos dias durante o período de estágio com a realização da regência de contexto que a situação foi alterada.

Entendo, que a rotina diária dos professores demanda essas atribuições importantes e necessárias para a Educação infantil e também nos outros segmentos de ensino. Funções como preencher a lista de presença por exemplo, é algo que é obrigatório e diário. E que foi fundamental realizar essas atividades para entender esse processo, mas senti falta de ter uma oportunidade maior de co-participação junto com a professora regente e as crianças.

Se o estagiário como futuro professor deve ser capaz de se apropriar do estágio curricular tornando-se um pedagogo capaz de unir a reflexão crítica com a habilidade de desenvolver ações conscientes e eficientes capazes de promover o ensino em sala de aula. Já na educação infantil o educar significa, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada para que possa contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis. Esse estagiário deve fazer parte de todo o processo educacional.

Nesse sentido que o estágio com a regência de contexto na Educação Infantil proporciona maior oportunidade de vivenciar todas essas atribuições da profissão docente. Assim passa a ter um novo significado, pois favorece um maior confronto entre as teorias adquiridas na universidade e a realidade docente porque se aproxima mais da realidade do que é ser professor. Um instrumento de formação contínua que deve sempre se reciclar de conhecimentos, de ferramentas metodológicas para exercer sua prática profissional.

Não existe aprendizagem que tenha fim. Cada projeto que se inicia logo traz novos rumos que propiciam novas aprendizagens. Em outros estágios com a realização de uma regência de 50 minutos. Como por exemplo, a minha primeira experiência na disciplina de Prática de Ensino em Magistério das disciplinas pedagógicas no Ensino Médio hoje avalio minha atuação como um evento isolado, que não condiz com a realidade docente. Porque os alunos foram participativos e educados na presença da professora da Universidade.

Acontece que durante a regência oficial (com a presença do professor da universidade) os alunos sabem que se trata de uma avaliação do estagiário que pretende se tornar um futuro professor. Então, temos posturas e atitudes diferentes dos alunos em comparação com a observação realizada durante o período de estágio. E isso sempre me trouxe frustração e insegurança com relação em não dar conta da profissão docente porque de fato não sei como seria essa realidade de prática docente sem a observação da professora-orientadora da universidade.

Na educação infantil o processo foi diferente dos outros segmentos do ensino. Com a regência de contexto descobri o que é ser professora e ter que lidar também com a rotina que faz parte da relação de trabalho e do mundo. Porque tive uma experiência realizar durante 3 dias demandas que fazem parte das atribuições do cotidiano na creche. O que contrapõem-se a uma prática pedagógica idealizadora, porque as atividades das crianças estão sintonizados com a produtividade e a organização da instituição e não o contrário. Por exemplo, cumprir os horários de lanche, almoço, limpeza das salas entre outras atividades que implicam na gestão da escola. O que é totalmente diferente de chegar na escola e realizar apenas uma atividade ou dar sua aula e ir embora.

A regência de contexto como prática docente no estágio curricular me proporcionou uma visão mais ampla e real da função docente e, principalmente me mostrou a importância da valorização das crianças como protagonistas da prática educacional.

Sendo assim, Questiono essa etapa avaliativa na formação. De que maneira os estudantes recém-formados no curso de Pedagogia da UFRJ percebem essa intervenção, a regência de contexto no estágio curricular e na sua formação docente? Será que foi relevante para sua formação docente essa etapa da regência no estágio curricular? Existiram contribuições da regência

para o seu aprimoramento profissional? Se sentiram motivados para ministrar aulas após a regência no estágio? Tiveram outra oportunidade de prática além da observação durante o período de estágio? (com exceção da regência que é obrigatória).

A pretensão dessa pesquisa é refletir sobre a experiência da regência de contexto no estágio de Educação Infantil. E quais as contribuições (ou não) para formação do licenciado. Busca investigar os sentidos atribuídos por aqueles que tem no currículo a formação prática na disciplina de Educação Infantil a respeito dessa regência de contexto no estágio curricular e sua formação docente.

Lógico que levando em consideração que o estágio envolve a regência, mas também todos os movimentos de reflexões críticas que vem da teoria e da prática. E que a interiorização dessas experiências acontece de maneira processual com idas e vindas, e esses eventos são intimamente relacionados.

Portanto, qual seria a visão dos licenciados que cumpriram estágio na disciplina de Práticas de Educação Infantil no que se diz respeito ao estágio com a regência de contexto?

A visão que eu tenho parte da minha própria experiência, mas a construção do conhecimento é desenvolvido de diferentes formas e percepções e cada aluno pode questionar, analisar, relacionar, problematizar a realidade de forma diferente e os consensos e certezas de minhas ideias só serão sanados após a investigativa dessa pesquisa.

Para trabalhar com crianças de Creche, Pré-escola e nos Espaços de Desenvolvimento Infantil é preciso ter uma concepção integrada de desenvolvimento e Educação infantil entender que é na faixa de 0 a 6 anos de idade o momento onde ela adquire importantes habilidades físicas, emocionais, cognitivas e sociais que subsidiarão suas aprendizagens e lhe serão fundamentais para dar seguimento às próximas aprendizagens ao longo da vida.

Ao ler as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil (2010) que mantém o diálogo com educador explicitando que se dê a mesma importância às ações de cuidado e educação e as mantenham articuladas em rotinas – horário e espaços - demarcadas pela necessidade e demandas infantis.

Parece simples, mas essa tarefa ainda é um desafio na formação dos educadores. A respeito disto, Rezende e Silva (2002) referem que de um modo geral, as creches e pré-escolas em nosso país vêm sendo nada mais do que locais de guarda da criança, enquanto sua mãe trabalha, ou na melhor das hipóteses, locais nos quais a criança pode se alimentar e entrar em contato com algumas atividades pedagógicas.

Sendo assim, como contribuir significativamente com a formação docente promover reflexões críticas para difundir transformações contínuas nas práticas do cotidiano da Educação Infantil? Refletir sobre um novo tipo de prática de regência (de contexto) no estágio curricular talvez seja o começo para que os futuros docentes possam desassociar a concepção ainda tão enraizada no senso comum que a função que desempenham é apenas cuidar das crianças pequenas.

Isso significa que os professores desse segmento precisam compreender que o “cuidar” é parte integrante da educação. O que demanda saberes, conhecimentos, habilidades específicas que envolvem a dimensão pedagógica. O cuidado com a criança em casa é diferente do cuidar de uma criança em um contexto educativo porque envolve vários campos de conhecimentos, além da relação de cooperação com outros profissionais.

Não se pode regredir as práticas meramente assistencialistas onde historicamente a creche era o local de guardar as crianças para as mães trabalharem fora. Sobre esses cuidados os documentos oficiais sobressaltam:

O cuidado precisa considerar, principalmente, as necessidades das crianças, que quando observadas, ouvidas e respeitadas, podem dar pistas importantes sobre a qualidade do que estão recebendo. Os procedimentos de cuidado também precisam seguir os princípios de promoção da saúde. Para se atingir os objetivos dos cuidados com a preservação da vida e com o desenvolvimento das capacidades humanas, é necessário que as atitudes e procedimentos estejam baseadas em conhecimentos específicos sobre desenvolvimento biológico, emocional, e intelectual das crianças, levando em conta diferentes realidades sócio-culturais (BRASIL, 1998, p. 25).

Portanto, é necessário que os profissionais da Educação Infantil dominem sua profissão como uma atividade que exige saberes e habilidades específicas. Diante do exposto é fundamental proporcionar a esses futuros

professores formação continuada, mas também ações práticas mais ampliadas da profissão docente que permita refletir sobre a concepção do que é Educação Infantil. Pois, a errônea ideia de extensão da função materna na creche enfraquece a postura profissional nesse segmento.

Para aplicar a teoria a esse fazer pedagógico tive esse suporte na formação com o curso de Pedagogia da UFRJ na disciplina Prática de Educação Infantil e esse curso que embasa a minha fala. Entretanto, diante das primeiras observações no estágio de Educação Infantil o que presenciei foi o contrário dessa concepção. O movimento assumido era na dimensão apenas de dar conta de uma rotina de cuidados corporais, alimentação e a hora do sono das crianças. E essa era uma demanda tão condicionada que não se tinha tempo de fazer uma reflexão crítica a respeito desse movimento.

Foi decisivo nesse sentido a participação na disciplina de Prática com a regência de contexto que promoveu uma formação docente que justamente me fez repensar sobre o papel do docente de educação infantil.

A proposta da faculdade de educação é muito boa considerando a grande dificuldade com relação ao tempo muito curto destinado à prática e o número muito grande de alunos por turmas que o professor da universidade deve acompanhar nos estágios. Diferentes de outras universidades onde o estagiário dá a aula dele, e o professor regente avalia. A UFRJ tem uma proposta que leva o professor de prática de ensino para dentro da sala de aula o que traz um melhor aproveitamento.

Existem vários critérios pré-estabelecidos para que o aluno/estagiário possa cumprir suas horas de estágio e realizar sua prática docente de forma clara, coerente e consciente dos objetivos que são estabelecidos antes da sua inserção no campo de estágio.

Conforme exposto na proposta pedagógica da emenda que norteia a disciplina de Prática de Ensino da Educação Infantil do curso de Pedagogia da UFRJ que se divide em dois pontos. Primeiro temos objetivos estabelecidos para os alunos/estagiários dominem as especificidades da profissão docente na Educação Infantil. E depois os critérios estabelecidos para a avaliação da sua prática docente no estágio Curricular.

Vale ressaltar que cada professor do segmento estabelece critérios próprios de avaliação da sua turma. Entretanto, para desenvolver as propostas

é considerado sempre os documentos oficiais. Na educação infantil com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação infantil- DCNEI.

Como mostra o quadro abaixo tivemos os seguintes objetivos estabelecidos pela disciplina de Prática de Ensino da Educação Infantil do curso de Pedagogia da UFRJ do semestre 2017.2 o qual realizei temos:

- Propiciar aos alunos um espaço/tempo de análise crítica das práticas educativas e uma reflexão sobre as concepções de infância e de Educação infantil que foram e são produzidas cotidianamente nas instituições;
- Construir uma prática de formação que torne os fazeres cotidianos vividos no estágio como matéria de análise e produção de conhecimentos coletivos;
- Estabelecer relações entre teoria e prática no contexto de estágio, especialmente quanto aos objetivos da Educação Infantil e ao processo de aprendizagem na faixa etária de 0 a 5 anos e 11 meses;
- Analisar criticamente uma turma de Educação Infantil, considerando a organização do tempo e do espaço para desenvolver a proposta pedagógica e o projeto político pedagógico da instituição e sua articulação com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil- DCNEI.

Quanto a avaliação é realizada de forma global e a regência como parte do estágio. Apesar de ser obrigatória, vale apenas 3 pontos na média final. O peso maior da nota para aprovação da disciplina delegou-se a escrita acadêmica do relatório final que soma 6 pontos, em que o aluno faz a articulação teórica com a prática vivenciada.

É importante ressaltar esses critérios que são estabelecidos no nosso curso de formação docente para entender como funciona esse processo avaliativo dos futuros professores formados na UFRJ. Dentro da regência cada etapa é avaliada e pontuada separadamente. Assim o planejamento/plano de aula é valorizado tanto na sua realização quanto na sua execução perante a sua ação docente junto com as crianças. Esse destaque para ação de planejamento é fundamental porque torna-se necessário observar e refletir criticamente para elaborar uma proposta coerente considerando o todo na

Educação Infantil, ou seja, principalmente a organização de espaço e tempo, e as crianças como protagonistas da sua proposta pedagógica.

Portanto, retomando o plano quanto aos critérios de avaliação o destaque para o planejamento e avaliação da proposta (o plano de aula), orientado pela articulação entre os docentes e realizada pelo estagiário como experiência a ser relatada e refletida posteriormente no relatório. Sem contudo deixar de ter relação com os demais movimentos de observação e co-participação no estágio. Veja como aparece especificamente no item 2 e 3 e na disciplina de Prática de Educação Infantil no quadro abaixo:

Quanto ao critério de avaliação do aluno temos a nota final obtida a partir dos seguintes instrumentos avaliativos:

- **Participação e produção de registros e resenhas: 1,0 ponto;**
- **Regência obrigatória: 3,0 pontos em 3 etapas;**
 1. planejamento - coerência e consistência em relação às questões desenvolvidas na disciplina e às observações realizadas;
 2. ação docente junto as crianças – clareza nas proposições, capacidade de escuta das crianças, organização dos espaços e materiais, flexibilidade, criatividade;
 3. registro reflexivo – capacidade de reflexão acerca da experiência na regência.
- **Relatório final: 6,0 pontos** (apropriação dos referenciais teóricos da disciplina, capacidade de articulação entre a teoria e prática, reflexão crítica, organização textual).

Retomando o quadro acima podemos observar que conforme estabelecido no curso para a disciplina de Prática em Educação Infantil do semestre de 2017.2 a regência apesar de ser obrigatória, tem na sua pontuação peso mínimo 3 pontos. Citando a reflexão e a capacidade de

articulação entre teoria e prática e organização textual do relatório final com peso maior para aprovação na disciplina.

Durante a realização dessa prática de ensino aprendemos que o estágio é um processo que envolve três ações do estagiário na instituição: observação, co-participação e a regência.

A observação e a co-participação; são experienciadas com finalidade de conhecer a dinâmica do trabalho que posteriormente após sua formação, pode ser o seu futuro lugar de atuação profissional.

A regência, se constitui pela prática o momento específico que o aluno/estagiário (futuro professor) mostra se seus saberes teóricos adquiridos ao longo de sua formação serão desencadeados numa ação docente prática satisfatória ou não.

Essas três ações interligadas (observação, co-participação e regência), que constituem o estágio curricular. Mas, ponderando apenas a dimensão da avaliação da regência de contexto no estágio curricular como uma das etapas formativas da prática docente dentro do curso de pedagogia da UFRJ.

Busco refletir sobre as percepções dos pedagogos recém-formados e como constituíram suas práticas através desse tipo de regência de contexto no estágio curricular.

No entanto, são poucas as pesquisas que discutem especificamente sobre a regência nos estágios de Pedagogia, ainda mas com essa abordagem nova da prática docente como planejamento de contexto no estágio. Outro ponto que me chamou atenção durante minhas buscas e que penso ser relevante citar é que essa escolha demanda maior contribuição do estagiário e dos professores com relação ao tempo de planejamento e execução das propostas.

Tal aspecto dificulta optar por esse tipo de regência de contexto no estágio considerando que atualmente a demanda de tantas atividades faz com que a falta de tempo hábil para fazê-lo os alunos escolham apenas uma regência com 50 minutos ou uma atividade no caso da regência de Educação infantil com os pequenos.

Em contrapartida, partindo da minha experiência posso afirmar que com essa vivência maior no estágio exercendo a ação docente continuamente (foram 3 dias de atividades) na escola me possibilitou trazer mais elementos

dessa realidade docente para análise da minha própria prática pedagógica. Durante esse período de estágio compreendi que os professores regentes não percebem o seu papel de formador diante daquele futuro profissional docente ainda não consolidado. Novamente afirmo que não estou definindo as relações no estágio como algo rígido e sem possibilidades de diálogo, mas a minha experiência foi um processo longo e difícil até entender como funciona o estágio curricular na formação docente.

Atualmente, as propostas de dialogar com as escolas centro de referência para um retorno como movimento de diálogo contínuo tem se consolidado cada vez mais. Esse contato direto entre os professores e alunos/estagiários busca levar e trazer contribuições para o grande desafio que é promover uma educação de qualidade nas escolas.

Também foi uma grande conquista nas relações de estágio implementar algumas reuniões que são promovidas para ter um feedback positivo ou negativo potencializando essa parceira escola e universidade. Isso foi um grande ganho para ambas as partes porque promove uma interação maior entre o aluno estagiário, professor-orientador e o regente. Não se tem mais só aquele contato no fim do semestre entre os docentes para a avaliação do estagiário durante a regência.

Outra atividade promovida são os seminários abertos ao público-alvo para debater sobre essas experiências de estágio. Participei do I SEMINÁRIO DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO realizado no dia 29 junho de 2018, no Campus da Praia Vermelha da UFRJ o que trouxe para debate questões relevantes como as relações entre o professor e os alunos/ estagiários para que se pense no espaço do estágio na instituição. A necessidade desse futuro professor vivenciar todos os aspectos do ambiente escolar, e não apenas somente observar, mas fazer desse espaço um campo onde se constrói a identidade docente. Nesse evento os alunos estagiários apresentaram alguns slides com imagem das suas regências no estágio e relataram suas práticas e seu olhar sobre o estágio como seu formador. Afirmando que essa parceria com diálogo flexível está sendo fundamental para a formação docente. E os professores parceiros relataram a complexa realidade das escolas e a dificuldade de realizar um bom trabalho voltado para o desenvolvimento infantil diante dessa

situação. E também como essa experiência de estágio pode ser enriquecedora para ambas as partes corpo docente e estagiários e principalmente na relação de troca de aprendizagens com as crianças.

O importante é que cada vez mais a academia se aproxima do campo de estágio nas escolas dando subsídios para reflexão da prática educativa em todos os sentidos, (universidade e escolas parceiras) entendendo que estão em um coletivo, que não estão sozinhos. Diante disso penso que a proposta de regência de contexto amplia ainda mais o que tem se realizado.

Vale salientar, que a imersão na profissão docente ao longo de todo curso de Pedagogia não se faz somente no momento do estágio ou da regência, quanto temos uma ação prática nas instituições conveniadas (escolas, creches e espaços de desenvolvimento). Se faz ao longo de todo curso quando participamos também de todas as atividades que se constituem na Comunidade Acadêmica.

Os licenciados ao longo de sua formação são incentivados sempre a se envolverem nas propostas e debates para a construção do nosso currículo, as emendas para as disciplinas obrigatórias, optativas e as oficinas são elaborados buscando atender a demanda dos estudantes. Inclusive para o semestre 2019. 2 se encontra em andamento uma proposta que visa desenhar um novo currículo para o curso de pedagogia.

Nesses momentos de discussões para a consolidação de um novo currículo, por exemplo, também se forma o professor. A participação traz a reflexão que em primeiro lugar precisa se enquadrar na legislação vigente que define as Diretrizes Curriculares para a Formação Inicial em Nível Superior para Cursos de Licenciatura e Cursos de Formação Pedagógica para Graduados (Resolução no 2, de 1 de julho de 2015, do Conselho Nacional de Educação).

Portanto, não basta questionar as mudanças no currículo, é preciso ter conhecimento e entender a dinâmica para a formação de um currículo. Dessa maneira, todos os estudantes de pedagogia podem sempre participar construindo logo cedo habilidades, tão importantes que, mais tarde, serão exigidas na sua profissão docente como planejamento, organização, mediação, embasamento, análise de progressões, entre outros elementos.

CAPÍTULO 2: EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO E REGÊNCIA DE CONTEXTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Relembrando os caminhos que tracei no curso de Pedagogia UFRJ de certo que a escolha desse tema foi intimamente ligada aos estudos e principalmente as vivências nas instituições escolares durante o período de estágio onde parte da construção deste trabalho reside. Durante este processo percebi, ao longo do caminho, o quanto cresci profissionalmente e pessoalmente a partir dessas leituras, e das escritas, reescritas com as orientações e principalmente com a socialização das experiências de estágio na formação.

Entretanto, com relação a parte prática de Ensino no Estágio sempre se constitui pra mim como um dos pontos mais importantes no processo de formação, o qual realizamos reflexões baseados nos aportes teóricos com a interlocução com diferentes sujeitos da prática. Foi através desse primeiro contato que vivenciei a prática docente no curso de graduação de pedagogia da UFRJ.

Todavia, a experiência vivida nestes períodos como aluna das disciplinas de Prática de Estágio foi mergulhar e descobrir um mundo coberto de ansiedades, medos, angústia, frustrações, incertezas, dúvidas, uma vez que tais disciplinas passariam a avaliar o que foi compreendido da relação teoria e prática. E nessa etapa você passa a experimentar como professora momentos reais do cotidiano escolar e não mais suposições do que se espera dessa realidade.

Perpassei por cinco práticas de estágio: Prática de Ensino em Magistério das Disciplinas Pedagógicas do Ensino Médio, Prática em Política e Administração Educacional, Prática de Ensino em Educação de Jovens e Adultos, Prática de Ensino em Séries Iniciais do Ensino Fundamental e Prática de Ensino em Educação Infantil. Todas as práticas completamente diferentes e ao mesmo tempo com tanta coisa em comum, como: fazer o registro (relatório) desta observação e co-participação em cada um deles e encerrar o desafio da temida regência. (com exceção da gestão onde não temos a regência).

Durante esse processo quando parte da avaliação ocorre através das regências nessas unidades escolares, ou seja, a parte prática do curso ministrando uma aula, em um único dia, com uma duração de 50 minutos. No caso da Educação Infantil realizar uma atividade com os pequenos.

Esse momento da prática onde considero que se passa de aluno (estagiário) a professor, na chamada regência, parte prática obrigatória no estágio curricular, sempre se mostrou entre outros aspectos, angustiante, tensa. Foi o meu primeiro contato com a prática docente e constatava a grande divergência entre o que eu imaginava ser, e a realidade.

Cada instituição pública que frequentei apresentava diferentes situações problemas: excesso de alunos por turmas, falta de recursos, infraestrutura insatisfatória, seguidas por violência, pouco envolvimento das famílias e comunidade na escola, e principalmente a defasagem de aprendizados dos estudantes, entre outros fatores que marcam a grande dificuldade da nossa educação pública brasileira.

Essa oportunidade por meio do estágio de ação da prática docente (a regência) é onde o estagiário deverá experimentar o que é o desenvolver a sua docência, preparando-se para efetivar as suas futuras práticas do ser professor numa dinâmica complexa da realidade de sala de aula.

Quando iniciei o estágio na disciplina de Prática de Ensino em Educação Infantil me deparei com uma Creche Municipal com ótimos recursos didáticos e uma excelente infraestrutura, porém, as ações pedagógicas observadas me chamaram a atenção, por não perceber as necessidades das crianças quanto seu desenvolvimento infantil em todos os sentidos, o que prevalecia era a lógica dos cuidados corporais e com enorme valorização das rotinas sem considerar a potência educativa do cuidar porque as educadoras não entendiam a lógica do cuidar e educar na Educação Infantil.

A turma possuía 13 meninos e 12 meninas. De modo geral a sala não era comunicativa. O convívio entre as crianças não era tranquilo, pelo contrário demonstram uma relação difícil que era extravasada através de agressões físicas, mordidas, chutes, tapas. Além disso, não participavam das atividades que a professora oferecia em sua maioria as crianças permaneciam agitadas e dispersas e só permaneciam no grupo durante as atividades por imposição da professora e com auxílio das duas agentes.

Desse grupo com um total de 25 crianças na faixa de 2 a 3 anos incluídos no Maternal II não possui nenhuma criança caso de inclusão que tinha um diagnóstico fechado ou com necessidades especiais.

Quanto a professora conforme mencionado por ela, sua formação foi o antigo 2º grau técnico, não tendo formação superior em Pedagogia. Se inseriu no campo da educação como agente educacional e após isso fez o Proinfantil – um curso em nível médio, a distância, na modalidade Normal que destina-se aos profissionais que atuava em sala da educação infantil. Esse curso é uma parceria do Ministério da Educação com estados e municípios interessados, tem a duração de 2 anos. Após esse prazo é estabelecido um acordo interno com participação através de avaliações supervisionadas e provas examinadas por educadores, que levam este profissional se aprovado deixar de ser auxiliar de creche, banhista, monitor, etc para ser reconhecido como professor e ter a categoria salarial compatível com a denominação que recebeu.

Diante da situação descrita acima surgiu a sugestão de uma proposta da regência de contexto como intervenção nessa realidade. Partindo da perspectiva que o “Planejamento é atitude crítica do educador diante do seu trabalho docente”. (OSTETTO, 2000, p.177). Elaboramos juntos, foi uma articulação entre professora-orientadora e estagiária com o apoio da professora regente na instituição. Com o suporte teórico como referência de estágio de regência que se faz importante, segundo Ostetto quando este:

Não pode ser outra coisa senão uma aventura pessoal, o que pressupõe escolhas e envolve viagens interiores e exteriores. Não é apenas fazer, dar conta do conteúdo, planejar e executar um plano de ensino perfeito, lindo e maravilhoso, com ideias inovadoras. (OSTETTO, 2008, p.128).

Portanto, o envolvimento, a motivação em fazer algo que transforma aquela situação de rotina mecânica na hora dos cuidados corporais foi planejada de forma cuidadosa respeitando considerando ao mesmo tempo os ritmos e interesses das crianças com o horário da rotina que não podia ser flexibilizado e nesse caso não foi diferente das outras regências de 50 minutos, pois o professor sempre tem que lidar com a questão do tempo e espaços disponíveis na escola.

Diante disso, quando inicialmente verificamos nesse processo a necessidade de romper a ociosidade e o tempo de espera na rotina do banho como o principal objetivo (geral) a conquistar, foi o que possibilitou alcançar os outros objetivos (específicos). A visão da criança como:

sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivência, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p.12).

Sob essa concepção de criança citada acima de acordo com a Resolução nº5 de 17 de dezembro de 2009 como fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil que construímos os outros objetivos específicos: provocar o imaginário infantil, promover a expressão das singularidades, ou seja, recriar esse contexto de forma significativa promovendo situações de aprendizagem que buscavam ampliar o repertório de palavras, imagens e objetos através do desafio da experiência provocadora dessa imaginação infantil.

O diálogo foi fundamental nesse processo. A partir da ideia e da escolha de como seria executado esse planejamento foram vários dias para entrar em consenso com a professora regente afirmando que essa regência se daria sem atrapalhar o horário da rotina das crianças na creche.

A proposta foi realizada no decorrer de três dias seguidos, com ajustes na organização do espaço e materiais utilizados com finalidade de produzir as potencialidades das crianças respeitando os seus limites. É importante destacar que a organização dos espaços na prática pedagógica desenvolvida com as crianças é parte fundamental nesse processo.

O espaço é o espaço onde o educador e as crianças podem mudar, transformar. Podemos entender melhor com Guimarães (2009) que afirma:

Pensamos nos espaços antes de as crianças entrarem, mas quando eles são habitados e vividos é que se tornam ambientes de experiência, ganhando contornos de fato. (Guimarães, 2009.p.97).

Então não basta apenas fornecer os materiais e elementos que fortalecem às manifestações expressivas das crianças é preciso observá-las,

acompanhá-las, dar o suporte necessário que permite as interações e trocas entre os adultos e as crianças. Conforme aponta Guimarães (2009):

[...] acolher não é somente ser gentil, não se trata só de produzirmos um espaço aconchegante e gostoso (o que também é fundamental), mas, sobretudo, de considerarmos como o espaço sustenta os planos das crianças e as interações que desenvolvem. (Guimarães, 2009. p. 99)

Sendo assim, ao planejar a regência de contexto no estágio curricular de Educação Infantil é importante considerarmos que um mesmo espaço pode resultar em diferentes posturas das crianças de acordo com a organização que o educador lhe proporciona. Segundo Barbosa (2006) o espaço também pode funcionar como um lugar de vigilância ou de controle, quando é pensando para disciplinar os corpos e as mentes, ou para auxiliar na produção das crianças.

Ao longo da minha prática de estágio curricular isso vai ficando cada vez mais evidente durante os três dias de regência na Educação Infantil pude perceber com todo o processo de observar e ressignificar que um mesmo espaço pode significar vários ambientes. A seguir apresento algumas fotografias e registros escritos com o objetivo de perceber essa potencialidade com relação ao espaço e organização dos ambientes e as situações recorrentes dessa proposta.



Figura 1 – Ambiente organizado para brincar com massa de modelar.

Segue abaixo a descrição da regência de contexto com algumas observações descrevendo as situações e como ocorreu a organização do espaço e dos ambientes de acordo com interesse das crianças.

1º dia:

Organizei o espaço em três ambientes diferentes: 1º uma mesa com livros, 2º brinquedos disponíveis na sala sob tapete emborrachado colorido, e 3º uma mesa com massinha de modelar. Quando a turma voltou do parquinho, antes de entrarem na sala expliquei que aconteceria uma atividade e que teriam três cantinhos diferentes para brincar. Ao entrar na sala o grupo se dividiu nos espaços. Os livros foram deixados de lado por tratar-se de crianças de 2 a 3 anos não dominam a leitura, e elas também não puderam interagir com as imagens dos livros, talvez por falta de costume e incentivo, algumas apenas tentaram rasgar e descartaram. Não tive ajuda das educadoras e tentava me dividir nos espaços dando atenção para as crianças que me chamavam. Porque não basta ler o livro para as crianças é preciso interagir com elas e ter ajuda, fazer essa mediação de forma que as atividades disponíveis ocorram naturalmente através das brincadeiras. Entretanto, isso não aconteceu, nesse primeiro dia da regência, passei a maior parte do tempo contendo os pequenos que insistiam em brigar no terceiro cantinho pela massinha de modelar na mesa. A rotina do banho ainda ocorreu de forma conturbada, com brigas, mesmo percebendo que de forma mais isolada as agressões ocorreram. Percebi como a mediação do adulto é importante na forma atuar para evitar tais situações na creche. Não adiantou alterar o contexto porque as agentes continuavam mantendo a mesma postura com relação a rotina dos cuidados corporais das crianças.

2º dia:

A organização da sala já foi diferente, partindo da observação do dia anterior organizei o espaço apenas em dois ambientes. Então, decidi retirar os livros porque no 1º dia não mostraram interesse pelas obras. E investi apenas em dois cantinhos, um com os brinquedos disponíveis na sala e a outro na mesa com massinha de modelar, já que fez enorme sucesso, pois, como tinha observado adoravam brincar com massinha, para diminuir as brigas incluí no mesão com as massinhas alguns objetos como: rolinho de papelão, caixa de fósforo, velas, potinho desenhos que podiam marcar a massinha etc.

Quando voltaram do pátio aberto, antes de entrarem na sala expliquei novamente que teria uma atividade como no dia anterior. Ao entrarem no ambiente ficaram quietos por um minuto olhando. A nova organização chamou a atenção dos pequenos, se mostraram supressos com os objetos diferentes que tinha na mesa para explorarem e brincarem. Consegui interagir com as crianças, enquanto modelavam a massinha tentavam me falar o que estavam fazendo: um bolo, docinho, enfiavam as velinhas na massinha e cantavam parabéns batendo palmas e convidando os amigos para soprar a suposta vela acesa. Realmente se envolveram e participaram naturalmente da brincadeira.

A proposta era deixar os pequenos brincar livremente nos dois cantinhos organizados para eles e as poucas ir chamando cada criança para o momento do banho, depois dos cuidados corporais ela voltava para brincar com a turma. Mas no momento que uma das agentes começou a gritar: “*Rotina! É hora do banho!*” Essa única frase bastou para desestruturar a turma. As crianças automatizadas começam a tirar as roupas, e guardar na mochila. Não adiantou falar para esperar. Esse segundo dia foi o mais marcante nessa experiência de estágio perceber como a rotina pode ser tão nociva para aquelas crianças. Barbosa (2001) aponta que a rotina inflexível e desinteressante pode vir a ser “uma tecnologia de alienação”, se não forem levados em consideração o ritmo, a participação, a relação com o mundo, a liberdade, a consciência, a imaginação e as diversas formas de sociabilidades dos sujeitos envolvidos.

A minha concepção de educação infantil começa a mudar ao entender que o processo com os pequenos é totalmente diferente daquilo que idealizei crianças calmas, e sorridentes que eu só deveria brincar, alimentar, dar banho e colocar para dormir. Simples assim. Só que o suprimento das necessidades biológicas (alimentação, higiene e repouso) passam por uma rotina que pode (ou não) proporcionar o bem-estar e o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social das crianças, vai depender da forma que você exerce sua prática docente.

Se você não estabelece objetivos claros e coerentes não promove aprendizagens significativas, não desenvolve a autonomia, a identidade, não propicia o movimento corporal, a estimulação dos sentidos, a sensação de segurança e a confiança. No final o resultado que temos, novamente a rotina dos cuidados corporais de forma desorganizada mas, dessa vez sem agressão,

até disputaram alguns objetos, mas no final dividiram ou desistiram e foram procurar outro. Foi visível que a atividade se desenvolveu melhor e que se não fosse pela interferência de uma das agentes teríamos sucesso nessa intervenção da rotina banho.

3º dia (Regência oficial):

Esse último dia foi o resultado de um processo de observação da interação das crianças consequência dos dias anteriores. Pude avaliar a minha evolução, o que me permitiu identificar limites e possibilidades para estabelecer, mudar ou prosseguir com as estratégias. A minha ação docente se desenvolveu com segurança, após um planejamento sequencial que fiz uso para potencializar essa regência oficial como parte avaliativa da disciplina de prática de Educação Infantil na UFRJ foi uma tranquilidade e apenas segui apreciando. Dando continuidade, parti da minha observação do dia anterior, reforcei com as agentes o pedido que não gritassem avisando da rotina da hora do banho que o percusso deveria ser natural. Cada criança seria convidada individualmente para hora do banho e após essa rotina de cuidados voltariam para a atividade.

Organizei a sala com três ambientes diferentes: 1º tapete com brinquedos, 2º mesa com massinha de modelar itens de festinha (com rolinhos de papel toalha, velas, forminhas, caixa fósforo vazia potinhos, canudos coloridos etc.) e 3º uma estante repleta com embalagens vazias de produtos de higiene pessoal. (caixas de papelão vazias com desodorante, esponja, de perfumes, fraldas, toalhinhas etc.). Quando subi com a turma do pátio aberto não abri a porta da sala esperei eles se acalmarem e expliquei naturalmente que novamente que teríamos atividade.

Ao entrar a maioria das crianças foram direto para mesa de massinha depois começaram a explorar outros cantinhos e objetos. Parecia outra turma e as agentes não estavam acreditando. As crianças participaram brincando sem brigas ou agressões e calmamente foram sendo direcionadas para o banho de forma natural e após a higiene voltavam para as atividades. Finalmente foi um sucesso a regência de contexto com intervenção na rotina do banho.

É oportuno salientar que quando as crianças se sentiram seguras e conseguiram entender que podiam se expressar de forma simbólica que seriam ouvidas e respeitadas. Passaram a se relacionarem de forma adequada (sem

agressões físicas) porque tinham um ambiente apropriado para construir hipóteses sobre o mundo desenvolver sua criatividade. Assim os sentimentos de raiva, ciúmes e hiperatividade mudaram de foco se concentrando apenas na atividade pedagógica.

Portanto, nessa proposta a intenção foi abolir todos os procedimentos que não reconheçam o protagonismo infantil, que não conseguia promover atividades criadora e apenas insistia em reproduzir práticas mecânicas e não significativas para as crianças. Trabalhar junto com as educadoras numa perspectiva que é possível transformar o espaço em vários ambientes capaz de ser convidativo as brincadeiras infantis e ao mesmo tempo apto para partilhar experiências positivas na chamada “hora do banho” qualificando esse momento também como rico, prazeroso e importante no desenvolvimento infantil.

Para Barbosa (2006) a organização do ambiente traduz uma maneira de compreender a infância, de entender seu desenvolvimento e o papel da educação e do educador. E o resultado que tivemos apresentou tantas situações que demonstraram a potencialidade dessa intervenção da regência de contexto na rotina das crianças, como quando: uma delas agarrou uma boneca e delicadamente começou a cuidar, pegou fralda na estante e tentava colocar. Veja nos dias de regência alguns desses registros fotográficos abaixo:



Figura 4 - Registro terceiro de dia Regência de Contexto na Creche.



Figura 5 – Crianças em atividades com massa de modelar e objetos.



Figura 6 – Atividade segundo dia regência de contexto na creche.

Nesse sentido nas figuras 4, 5 e 6 acima é possível perceber como ressignificaram os cuidados dos adultos para com elas. Conforme Guimarães (2009) reflete:

Como reflete a autora Guimarães a imitação expande as possibilidades de cada um. “Ao imitar a professora, a criança a reconhece e legitima, trazendo para si seus referenciais e reinterpretando-os à sua maneira” (GUIMARÃES 2009).

Portanto, a partir das práticas educacionais as crianças começam a imitar, se constituir e compreender as situações do social. Segundo Guimarães e Barbosa (2009):

A creche é direito das crianças de 0 a 3 anos inscrito na constituição; é espaço social onde as crianças passam a maior parte do seu dia, o que exige a reflexão sobre a qualidade dos relacionamentos nesse contexto, especialmente tendo em vista que é na relação com outro que constituem identidade, valores, imagens referências sobre si. (Guimarães e Barbosa 2009).

Ao realizar o planejamento de contexto na regência de Educação Infantil foi muito além, percebi como é difícil de se trabalhar com as crianças pequenas. Existem tantas especificidades que apenas com um dia de atividade acredito que não conseguiria lidar. Porque apesar de se mostrarem ávidas para explorar o mundo, tem uma perspectiva própria para conhecê-lo, e construí-lo, e dessa forma ampliam seus conhecimentos e suas experiências expressa através da ação simbólica, não é simples para o docente adquirir essa aprendizagem.

Essa dimensão da prática pedagógica só conquistei durante a regência de contexto algo sugerido na disciplina de Prática em Educação Infantil ao realizar esse planejamento pensei que fosse algo simples de se ser executado que diferente dos outros estágios com regência de 50 minutos só teria a oportunidade de experimentar mais de uma vez a experiência da prática docente na Educação Infantil.

Essa regência foi a experiência mais significativa que tive em todos os estágios que realizei. Em minha opinião, foi perfeita e não mudaria nada, nem penso que poderia ter feito algo diferente porque foi ela que me proporcionou ir além de refletir apenas a prática docente em observação, me possibilitou

planejar e repensar a minha prática docente tendo os objetivos articulados com a teoria e realidade das crianças. Assim construí ao mesmo tempo me constituí citando Ostetto a autora destaca que:

“{...} elaborar um “planejamento bem planejado” no espaço da educação infantil significa entrar na relação com as crianças (e não com alunos!), mergulhar na aventura em busca do desconhecido, construir a identidade de grupo junto com as crianças.”(OSTETTO, 2000, p.190).

Foi isso que me proporcionou redescobrir esses diversos caminhos diariamente. Ainda sobre essa atitude de planejar a autora também afirma:

Planejar é essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro para empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para/com o grupo de crianças. Planejamento pedagógico é atitude crítica do educador diante de seu trabalho docente. Por isso não é uma fôrma! Ao contrário, é flexível e, como tal, permite ao educador repensar, revisando, buscando novos significados para sua prática pedagógica. (OSTETTO, 2000, p.177).

Para o docente isto faz-se necessário entender esse sentido do trabalho do professor. A construção e a socialização não acontece em um dia, porque o trabalho com a educação infantil tem especificidades de extrema importância, e é preciso alcançar essas dimensões que envolve o lúdico, o prazer, o brincar, educar, cuidar, enfim, ações que precisam se associar para que possam dar significado a aprendizagens das crianças.

No penúltimo dia de estágio percebi o quanto as crianças se desenvolveram com relação a interação, postura e comportamentos. Na linguagem oral poucos respondiam quando lhe era perguntado algo, já nessa fase ampliaram o vocabulário, tínhamos um vínculo mais forte, com os três dias consecutivos de contato mais direto que é totalmente diferente da co-participação onde o estagiário atua indiretamente auxiliando nos cuidados e se fazendo presente nas atividades com as crianças, mas sob comando do professor regente. Em contrapartida na regência de contexto o estagiário tem

a oportunidade e liberdade de atuar fazendo uma intervenção direta como: mudança na organização da sala, escolha das atividades para ser executada de forma sequencial e não apenas a realização de uma atividade com as crianças que representa a regência como parte avaliativa da disciplina de prática de Educação Infantil.

Ao realizar uma regência de contexto tive a extensão do ser professora, e se no primeiro momento a experiência não foi bacana. No segundo já estava mais segura e com olhar mais atento para os possíveis ajustes. No terceiro dia foi apenas continuação dos dias anteriores e a prática docente começa harmonizar, Afinal, não foi fácil pensar em estratégias para alterar uma rotina que demandava atividade pela atividade, e insistia nos rituais repetitivos, reprodução de regras e os fazeres automáticos no cotidiano da creche na relação com as crianças.

No Final nem pensei na regência oficial como parte da avaliação para aprovação na disciplina do curso de pedagogia requisito obrigatório para me habilitar no exercício da minha futura profissão docente, mas na motivação maior de realizar com sucesso essa intervenção naquela rotina nociva para as crianças na creche. E nesse longo processo que foi sendo construído o que demandou muito diálogo, tempo, organização e um planejamento coletivo bem estruturado.

Diante disso como não buscar investigar outras percepções a respeito desse tipo de contato com a prática pedagógica. Cabe ressaltar que o objetivo do estudo não busca comparar ou avaliar o momento das regências dos ex-alunos da disciplina de Prática de Ensino de Educação Infantil durante Estágio Supervisionado, pois, isso é algo único onde temos diferentes realidades e percepções que influenciam na construção desses sujeitos, mas compreender e refletir se esses estudantes graduados de alguma forma constituiu a sua prática docente através desse momento ampliado (no caso da regência de contexto) durante o período do estágio em Educação Infantil considero fundamental.

Os professores das disciplinas de prática se doam ao máximo dando tudo de si, se empenham como podem para cumprir a agenda e acompanhar todos os seus alunos nas regências em diferentes instituições escolares conveniadas. Um semestre termina e o outro começa com as mesmas

exigências. Além dos extensos relatórios para corrigir eles devem dar conta dessa demanda de avaliar individualmente a prática docente de cada aluno mesmo que essa avaliação não reprove o futuro professor. Sendo assim, como não questionar se essa passagem (a regência) experienciada durante o estágio tem proporcionado na opinião dos alunos algo importante na sua formação docente.

Pensar em estratégias novas para contribuir positivamente com a profissionalização dos licenciandos em pedagogia, não é tarefa fácil. Não existe uma receita pronta e não há como prescrever fórmulas que dê conta de compreender a complexidade da profissão docente, mas devemos acreditar que exercer práticas significativas podem promover ações mais conscientes e eficientes na educação que atenda as necessidades do mundo atual.

Para isto, é necessário observação e reflexão. No estágio de Educação Infantil ao realizar minha regência de contexto toda a proposta visava uma forma de se pensar e de fazer a prática educativa de forma mais lúcida e justa, ou seja, a criança deveria ser levada a vivenciar experiências que lhe proporcionassem satisfação, que lhe motivasse e despertasse seu interesse indo ao encontro com suas necessidades.

Porque eu tenho uma concepção de criança e da educação infantil construída ao longo da minha formação na UFRJ. A professora regente não, as suas intenções podiam até ser boas, mas a sua prática docente se limitava a repetir atividades com as crianças para dar conta de cumprir os registros obrigatórios para SME (Secretaria Municipal de Educação) e manter as necessidades básicas de alimentação, higiene e sono das crianças sem qualquer planejamento ou registro de observação das atividades que se passavam ao longo do dia como mero cumprimento dessa rotina repetitiva e nociva na creche.

A esse respeito Sacristán (2007) ressalta a importância do planejamento que trata-se de algo muito maior pois envolve um processo cultural transformador onde as práticas curriculares devem estar sendo sempre revistas pelos professores, de modo a não se tornarem apenas meros seguidores de práticas impostas, mas sim agentes transformadores de uma prática educativa eficaz.

Nesse estágio com regência de contexto pude considerar todos esses elementos mencionados por Sacristán. Entender a prática educativa como um exercício constante em favor do desenvolvimento da autonomia das crianças, não somente como uma atividade de brincadeiras para divertir os pequenos, mas descobrindo durante esse processo a necessidade de sempre construir e ressignificar, ou seja, dar um novo significado aos conhecimentos.

Com a organização dos espaços e tempo e materiais adequados utilizados na realização da proposta pedagógica aliada a escuta das crianças foi possível perceber que o uso desses elementos simples como rolos e caixas de papelão por exemplo, esses pequenos transcendem, o que era para mim uma caixa grande de papelão na regência de contexto virou um carro. Onde as crianças sentavam dentro da caixa, imaginando dirigir, convidavam os amiguinhos para passear com eles. Conforme mostra as imagens 7 e 8 abaixo:



Figura 7 – Ambiente planejado e organizado com brinquedos

Nesses registros percebemos a potencialidade de um espaço organizado em ambientes que favorecem as interações e brincadeiras.



Figura 8 – Um convite a brincadeira

Na figura 8 acima podemos observar como as crianças participam criando, imaginando através desse cenário construído e as suas realidades históricas, pessoais, sociais, culturais. Dessa forma, o estágio curricular pode favorecer com experiências pedagógicas significativas que lhe proporciona um espaço privilegiado para vivenciar esse modo de aprender a profissão docente. Lógico que os conhecimentos e as atividades que constituem a base formativa do curso também são essenciais, pois possibilitam ao aluno/estagiário apropriar-se de instrumentos teóricos e metodológicos para fazer reflexão futura. No entanto, essa docência indireta mais ativa no estágio se faz numa reflexão presente.

É por isso, que a seguir, novamente apresento algumas fotos, registros dessa experiência (figuras 9, 10, 11, 12 e 13) onde podemos entender como é fundamental a organização desse espaço em ambientes que favorecem as relações de troca de experiências entre as crianças.

Com a regência de contexto temos essa oportunidade de continuidade com as atividades. Entendendo melhor essas particularidades e interfaces diferentes em cada segmento. O que ressignifica a identidade profissional quando se compreende melhor o que é ser professor dos pequenos.



Figura 9- Espaço dividido em três ambientes diferentes



Figura 10 – As crianças brincando na mesa com objetos e utensílios plásticos, descartáveis.



Figura 11 - Cantinho dos brinquedos.



Figura 12 - As crianças brincando na atividade da regência.



Figura 13: Brincando de falar no celular terceiro dia de regência.

Um outro aspecto que merece destaque é a forma que se interage com as crianças. No primeiro dia de regência a proposta de um ambiente com livros não despertou o interesse das crianças porque as agentes e a professora mantiveram a mesma postura ao mediar a proposta, não estavam realmente disponíveis no cantinho da leitura. Afirmavam que as crianças gostavam muito de música e dança e não das histórias.

Alias esse é outro desafio na Educação Infantil como transformar o cotidiano e sair da mesmice. As crianças de 2 a 3 anos não sabem ler então o adulto é a voz daquela história, o elo entre o livro e a criança que ambos compartilharão juntos. O professor ao realizar a leitura deve ser paciente, repetir, despertar o interesse da criança fazendo diferentes entonações de voz em cada personagem ou situação, também usando sons, gestos e seu corpo para contar a história. E enfim nunca se render

acreditando que as crianças não gostam das histórias. Foi exatamente assim que ocorreu a minha leitura com eles em outra situação no estágio demonstrando que os pequenos podem amar as histórias.

O ato de contar uma história para os pequenos não deixa de ser uma brincadeira para eles. E esse momento de entrega ao universo lúdico e de fantasia que apresento nas imagens 14 e 15 abaixo:



Figura 14 – O ato de contar uma história

Nas fotos 14 e 15 podemos observar esse momento de entrega das crianças na leitura. Como olham as imagens do livro e prestam atenção na contação e aos poucos se aproximam para cantinho da leitura que desperta a curiosidade. Não precisam estar sentados parados para ouvir a história nesse momento de leitura veja que alguns se sentam outros ficam de pé e mesmo os que estão brincando com os brinquedos param para ouvir como mostra a imagem existe o interesse.

Isto é esse ambiente rico em estímulos que colabora com o desenvolvimento dos pequenos. Com o tempo ouvir a voz de quem conta a história, se torna um ritual prazeroso tanto para o professor, quanto para as crianças, fortalecendo o vínculo entre eles, trazendo calma e aconchego.



Figura 15 – Compartilhando experiências de Leitura.

Diferente do primeiro dia da regência, onde a professora manda todas as crianças sentarem que ela vai ler uma história. Não foi significativo a ação, não utilizou nenhum recurso para despertar o desejo de ficar no cantinho da leitura. A consequência foi total desinteresse, dispersas as crianças começaram a tentar rasgar os livros e brigar em outros ambientes preparados naquele espaço. O que fez com que o grupo não conseguisse dar conta da turma no primeiro dia da regência. No segundo dia a partir dessa observação foi possível estabelecer e organizar novamente o planejamento até ter sucesso.

Sendo assim, retomando a importância do planejamento por Sacristán (2007) que afirma que o plano dos professores não deve consistir na execução de certas práticas ajustadas a normas técnicas, mas na realização dessas operações dos mais diversos modos, nos quais se devem prestar atenção num processo de reflexão e deliberação sobre a prática, não se trata de seguir uma sequência linear de passos sucessivos, mas o autor ressalta aspectos que devemos levar em conta como:

Pensar ou refletir sobre a prática antes de realizá-la; Considerar que elementos intervêm na configuração da experiência que os alunos/as terão, de acordo com a peculiaridade do conteúdo curricular envolvido; Ter em mente as alternativas disponíveis: lançar mão de experiências prévias, casos, modelos metodológicos, exemplos realizados por outros; Prever, na medida do possível, o curso da ação que se deve tomar; Antecipar as consequências possíveis da opção escolhida no contexto concreto em que se atua; Ordenar os passos a serem dados, sabendo que haverá mais de uma possibilidade. Delimitar o contexto, considerando as limitações com que contará ou tenha de superar, analisando as circunstâncias reais em que se atuará: tempo, espaço, organização de professores/as, alunos/as matérias, meio social, etc. (Sacristán, 2007 p.205).

Então mesmo entendo a importância da fundamentação teórica, não posso deixar de querer investigar a parte prática do estágio. Pois, a regência de contexto também foi uma parte fundamental na construção da minha docência. Só ela mostra ao aluno estagiário as possibilidades de atuação após a sua formação através das diferentes experiências de práticas. E diante dessa experiência que se busca o seu espaço profissional, por isso a grande importância de construir aprendizagens e realizar práticas significativas no processo de formação dos futuros professores.

Além disso, é importante lembrar que o bom professor não se constitui apenas de teoria, embora ela tenha a sua importância, sozinha ela não constitui o saber docente. Sendo na ação reflexão com a fundamentação teórica que nos apropriamos de conhecimentos pedagógicos necessário para uma prática educativa satisfatória. Para compreensão de uma prática educativa consciente e eficiente é necessário nos beneficiamos de várias práticas docentes positivas e significativas. Para tomada de decisão de uma ação contextualizada é preciso adquirir perspectivas de critérios de julgamentos para compreender os diversos contextos educacionais. As variadas experiências e as interações entre os saberes é que gera o desenvolvimento de uma prática pedagógica autônoma e emancipatória.

Por isso, no capítulo três deste trabalho abordo alguns desses aspectos sobre a regência de contexto de acordo com os professores recém formados no curso de Pedagogia da UFRJ buscando entender se os dados dessa pesquisa dividem também comigo a mesma opinião.

CAPÍTULO 3 - PESQUISA ASPECTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DOS DADOS.

O estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, que se utiliza da estratégia em termos de abordagem e metodologia do uso do questionário para levantar as percepções dos graduados que realizaram na disciplina de Prática em Educação Infantil a regência de contexto no estágio curricular no curso de Pedagogia da UFRJ.

Busquei a visão dos envolvidos, ou seja, as impressões dos ex-alunos que foram estagiários nessa formação docente. Compreendo, que partir dessa investigação contribui para reflexão da prática no estágio curricular no sentido de trazer a voz de alguns que foram alunos/estagiários e atualmente licenciados representam o real vivenciado na formação inicial de professores/pedagogos com relação ao modelo vigente de estágio curricular pela via das ações com regência de contexto na disciplina Prática de Educação Infantil.

Diante do exposto, na medida que meu interesse se torna direcionado para o campo das concepções, impressões e ideias dos ex-alunos estagiários universitários, necessitei propiciar meios de coleta de dados que me permitissem obter essas informações dos sujeitos envolvidos no estágio.

Decidi utilizar o instrumento questionário on-line, mesmo correndo o risco desse distanciamento maior, de não ter a possibilidade que permite a entrevista presencial de flexibilidade, onde é possível apontar, questionar e complementar as questões que julgue interessantes para o estudo. Devido à impossibilidade da entrevista presencial com os sujeitos, pela dificuldade de todos em disponibilizar um horário possível para esse trabalho de conclusão de curso.

Em contrapartida a ferramenta online permite aos entrevistados maior comodidade e liberdade para expressar suas ideias por conta da facilidade que recurso internet dispõe de responder e enviar as respostas de qualquer lugar e a qualquer hora. Acredito que o distanciamento do entrevistador também pode ser um ponto favorável na medida que ajuda os entrevistados para que se sintam mais confortáveis para responder da forma como cada sujeito vivenciou e sentiu o estágio, como percebeu essa experiência, bem

como também ajuda a entender como estabelecem as relações entre as diferentes regências.

O questionário foi respondido por três graduados do Curso de Pedagogia da FE/UFRJ. Esse trabalho foi realizado ao longo do ano 2018. O questionário foi enviado individualmente para o e-mail de cada um dos sujeitos que se dispuseram a responder essa pesquisa.

Eles foram selecionados porque todos realizaram estágio curricular com regência de contexto na disciplina de prática em Educação Infantil e regência comum nas outras práticas (Séries Iniciais, Disciplinas Pedagógicas, Educação de Jovens e Adultos). Isso amplifica o leque de possibilidades de análise das percepções sobre as regências pois, já fizeram todas as disciplinas práticas do curso de pedagogia.

Por esse motivo foram escolhidos propositalmente como objeto de análise das práticas de regência como um todo, independente do foco em si ser as percepções sobre as práticas de regência de contexto no estágio de Educação Infantil. É importante que as especificidades dos dois tipos de regência (comum ou de contexto) sejam de alguma forma contempladas neste estudo. Mesmo não sendo possível comparar as diferentes regências podemos refletir sobre esse processo avaliativo na formação docente. E o que cada tipo trouxe de experiência para sua prática profissional.

O roteiro do questionário seguiu alguns aspectos: primeiro a coleta básica de dados das informações pessoais, nome, idade, formação, experiência docente ou profissional etc. Para melhor caracterização desses sujeitos temos um aprofundamento dos questionamentos sobre sua identificação com a prática de Educação Infantil, trajetória acadêmica e experiências anteriores na formação docente. Finalmente a parte central deste estudo, referente à percepção de cada um sobre a experiência de estágio com regência de contexto.

A intenção em produzir um questionário com questões mais amplas e abertas foi com pretensão em extrair respostas mais elaboradas, visto que participaram especificamente três professores recém-formados no Cursos de Pedagogia da UFRJ todos realizaram a disciplina de prática em Educação Infantil com prática de estágio curricular supervisionado com realização de uma proposta pedagógica com regência de contexto na Instituição de Educação.

Especificamente, o questionário da pesquisa abordou as seguintes questões:

1. Qual a sua idade? E qual gênero você se identifica?
2. Em qual semestre você concluiu sua graduação e a prática no estágio em Educação Infantil?
3. Você teve antes de concluir a graduação qualquer tipo de experiência com a Educação Infantil ?
4. Você se identifica com a prática de Educação Infantil? Por quê?
5. Para você do que se trata a proposta da regência na disciplina de Prática em Educação Infantil?
6. Por que você escolheu a regência de contexto? Ocorreu como você esperava?
7. Como você percebeu a regência de contexto em Educação Infantil com relação as outras que você participou?
8. De que modo sua regência foi planejada (ou não) no que se refere ao sentido de mudança positiva no ambiente educacional?
9. A inserção da sua regência no ambiente educacional alterou (ou não) a situação a que se propôs na instituição escolar? Em que perspectiva ocorreram mudanças em sua opinião?
10. De que maneira você acha que os professores regentes percebem essas intervenções (as regências) no estágio curricular no ambiente educacional?
11. Você se sentiu motivado para ministrar aulas após a regência no estágio? Teve outra oportunidade de prática além da observação durante o período de estágio?
12. Ter participado no estágio curricular da regência de contexto contribuiu para alterar a sua prática docente em alguma perspectiva?
13. Você acredita que a regência seja uma avaliação relevante para sua formação docente no estágio curricular? Por quê ?
14. Quais seria a potencialidade da prática pedagógica quando embasada numa experiência significativa no estágio curricular?
15. Quais seriam (ou não) as contribuições desta regência para o seu aprimoramento profissional?

3. 1 Dados dos sujeitos participantes da pesquisa

Com o objetivo de preservar a identidade dos sujeitos que participaram desta pesquisa, sua identificação ocorrerá por meio de nome fictício. Justificando que a pesquisa foi realizada ao longo do semestre 2018.2 mas, tendo obtido essas informações no semestre 2017.2 e portanto, até a finalização deste trabalho não foi possível obter o retorno desses contatos para autorização de publicação do conteúdo dos questionários.

Logo, temos três pedagogos que concluíram suas práticas de estágio na disciplina de Educação Infantil com a experiência de regência de contexto nos semestres de 2016.1, 2017.1 e 2017.2 no turno da manhã. Sendo um homem e duas mulheres com idades 22, 27 e 35 respectivamente. E apenas uma afirma não se identificar com as práticas de Educação Infantil.

Para facilitar na organização e leitura dos dados desses sujeitos. Segue abaixo uma tabela com essas informações detalhadas:

Nome	Gênero	Idade	Se identifica com a prática de Educação Infantil	Semestre de conclusão da prática de Educação Infantil com estágio de regência de contexto	Ano Conclusão do Curso de Pedagogia
Dara	Feminino	27	Sim	2016.1	2018
Gael	Masculino	22	Sim	2017.1	2018
Lara	Feminino	35	Não	2017.2	2018

Isto posto, a seguir busco aprofundar o perfil profissional desses docente de pedagogia da UFRJ para posteriormente refletir sobre suas percepções sobre as práticas docentes realizadas no estágio curricular especificamente durante o processo de na regência de contexto da Educação Infantil.

3. 2 Perfil dos sujeitos que participaram da pesquisa

Considero importante traçar o perfil profissional dos sujeitos que fizeram parte dessa pesquisa antes me aprofundar nas suas percepções sobre o estágio de regência de contexto na Educação Infantil. Para isso durante esse trabalho trago alguns recortes dos questionários que ajuda entender as concepções desses profissionais a respeito das práticas de educação Infantil.

Dos três pedagogos recém-formados concluintes do curso de Pedagogia da UFRJ no ano passado. Quanto a formação profissional não possuíam nenhuma experiência anterior no magistério. Somente uma das professoras afirmou trabalhar atualmente numa escola particular, mas segue no Ensino Fundamental. Os outros dois não responderam qual a sua área atuação no momento.

Com relação a trajetória acadêmica apenas uma participou do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da UFRJ) com ênfase na Educação Infantil. Ao responder o questionário ela enfatiza sua participação no programa. “apesar de ter entrado na faculdade com o objetivo de ser professora das séries iniciais, encontrei muita potência na Educação Infantil e me identifiquei. Durante o ano de 2017 participei do PIBID com ênfase na Educação Infantil, exatamente para me apropriar, aprofundar e experimentar a docência na Educação Infantil.” (DARA).

Quando questionados sobre se identificar com a prática de Educação Infantil apenas a Lara afirmou não se identificar. Respondeu: ““Não me identifico, Desde o princípio era uma habilitação que não me atraia, hoje atuando em outra área percebo o quanto foi importante essa vivência durante o estágio obrigatório, mas prefiro outra.” (LARA).

Sobre o seu entendimento a respeito da disciplina de Prática em Educação Infantil os três citam o desafio de produzir práticas relevantes para os pequenos. Por em prática e executar ações que potencialize o desenvolvimento infantil. Conforme uma das concluintes afirma: “É um momento muito importante de reflexão do que foi vivido com as crianças, para a partir disso planejar e colocar em prática uma proposta que potencialize as

brincadeiras e interações das crianças gerando aprendizado e desenvolvimento para as crianças e para o professor em formação.” (DARA).

A respeito de quais seria a potencialidade da prática pedagógica quando embasada numa experiência significativa no estágio curricular. Todos eles estão de acordo que os estagiários que tem mais oportunidades de práticas positivas nos estágios estariam melhor preparados sua prática docente futura.

Conforme uma das professoras demonstra sua opinião, “Quando se têm referências representativas no estágio, você leva um olhar diversificado e apurado para seu ambiente onde exercitara todos os aprendizados adquiridos durante a formação. É através da experiência do estágios que podemos relacionar a teoria e a prática levando subsídio para uma melhor prática pedagógica.” (DARA).

As respostas dos questionarios evidenciam que esses professores tem concepções bastante claras do que se trata a Educação infantil e do estágio do qual fizeram parte podemos supor que universidade (UFRJ) proporcionou a esses acadêmicos aprendizagens valiosas que trazem a compreensão do papel do educador na Educação Infantil e de que é preciso para saber agir em diferentes contextos e situações, para as quais muitas vezes somente o contato com contexto escolar no estágio não prepara.

A importância da prática reflexiva com embasamento teórico é fundamental para que a formação docente tenha sentido. Por isso menciono que devemos considerar um maior equilíbrio na relação teoria e prática que não permita que os professores fiquem desconectados do contexto da realidade onde vai atuar.

Diante disso temos nesses acadêmicos ricas experiências, aprendizagens, concepções e práticas que foram constituindo cada um ao longo dessa trajetória. Cabe destacar que eles experimentaram a docência pela primeira vez durante o estágio, de modo que esse momento também é responsável parte da construção desses conhecimentos que contribuiu para o fazer profissional desses professores. E também considero o perfil desses docentes bem distintos quanto as experiências na formação acadêmica, quanto na identificação com as áreas de atuação. O que traz contribuições para este estudo quando os pedagogos são completamente diversos.

3.3 Percepções sobre a regência de contexto na Educação Infantil.

Os docentes declararam que com relação a escolha da regência de contexto ocorreu como sugestão da professora orientadora com apoio da professora regente na instituição. Sendo realizada de forma continua distribuidas em três dias seguidos ou de acordo com o dia da semana que frequentavam o estágio totalizando três dias, com a realização uma proposta sequencial que se diversificou de acordo com cada planejamento todos tiveram a intencionalidade de explorar os diferentes ambientes na creche que antes não eram utilizados e promovendo assim com as atividades pedagógicas o potencial das crianças.

Quando questionados sobre a maneira que perceberam os professores regentes recebem essas intervenções (as regências) no estágio curricular no ambiente educacional, Dois docentes afirmaram que tiveram boas experiências com trocas de conhecimento entre os professores. Que participaram e ajudaram durante as regências.

Enquanto a terceira professora respondeu no questionário dessa pesquisa, mais especificamente apontando também que existe a possibilidade de algumas dificuldades, afirma: “Para os professores a participação das regência é algo que mexe com o cotidiano da turma. Em alguns percebe-se certa falta de empatia dificultando para o estagiário, outros já encaram como algo que pode trazer mais subsídios para suas práticas diárias. Tive sorte por fazer parte de um grupo que estava aberto a receber sugestões e trocar experiências. Assim me senti bem a vontade de ter a minha proposta (regência de contexto) aceita no estágio”. (DARA).

No diz respeito ao posicionamento dos professores regentes perante aos estagiários em formação é lógico que não é possível generalizar, até porque baseado na minha própria experiência, isso depende do profissional docente que acompanha os alunos estagiários.

Vivenciei diferentes realidades em cada prática de estágio alguns mais receptivos e outro não. E acredito que isso faça parte também da nossa formação docente esse dilema de trabalhar positivamente as relações

interpessoais no profissional. Na minha visão isto é muito positivo por isso questionar e refletir como acontece essa relação no estágio é muito importante para o futuro profissional, pois nem sempre acontece a concordância. É preciso entrar num consenso ou aprender a ouvir uma negativa em certos casos. A relação do aluno/ estagiário e professor regente é algo delicado e necessita de muito diálogo e respeito de ambas as partes.

Nessa Prática de estágio de Educação infantil por exemplo, enfrentei o desafio de convencer a professora regente de permitir a realização da regência de contexto na sua turma. Diante da promessa que não atrasaria a rotina das crianças na creche nem por um minuto. Essa era a realidade que eu era obrigada a aceitar e respeitar trabalhando diante dessas possibilidades. Afinal é preciso ter a consciência que ela é a professora regente responsável pela turma.

A esse respeito sempre deixava isso claro e apesar de sempre se mostrar aberta as sugestões no dia a dia para intervenções na prática docente e ter colaborado na regência de contexto, não pareceu motivada a utilizar o que foi apresentado. Parecia estar feliz por ser meu último dia no estágio. A presença de alguém da academia questionando, dando sugestões e participando das atividades lhe gerava um nítido desconforto mesmo se mostrando sempre agradável era implícito o incômodo com a minha assiduidade no acompanhamento das suas atividades.

Segundo a opinião dos sujeitos da pesquisa se alterou ou não a situação que se propôs na Instituição escolar a professora afirma: “A minha regência alterou o espaço da sala nos dias em que as propostas foram realizadas. Mas, depois não continuei no estágio e não posso afirmar se a organização se manteve.” (LARA).

Os outros dois professores declaram que não perceberam mudanças mais amplas após a proposta de organização dos espaços, (somente durante a regência de contexto). GAEL explica que “alterou no ponto de vista de um afinamento maior na escuta do professor regente para com a sua prática docente diante das crianças”.

É relevante ressaltar que nem sempre é possível saber se as propostas foram incorporadas no cotidiano da sala de aula em que foram realizadas. Pois, a regência acontece geralmente próxima ao cumprimento de carga

horária nos estágios. No meu caso por exemplo, não continuei no estágio pós regência, então como citado pela primeira docente também não posso afirmar se a organização da rotina do banho das crianças se manteve na creche.

Quanto a percepção da regência de contexto diante da regência de 50 minutos realizada em outras disciplinas de práticas, Os três concluintes deixaram explícito que em estágios anteriores não tiveram a oportunidade de uma maior interação do que é uma dinâmica escolar.

Pela análise das respostas obtidas nos questionários percebo que diante das outras regências a de contexto se destaca com relação a uma prática mas consciente e reflexiva. Isso não significa que estão descartando a aprendizagem nas práticas dos outros estágios, mas questionam a proposta desses estágios ser somente mais observação para depois a realização de apenas uma aula para turma.

Acerca disso, uma das concluintes afirma que “Na regência de contexto o estagiário tem maior liberdade para experimentar e aprofundar o que foi vivido em sua proposta. Tem mais momentos que fica a frente da turma, o que é enriquecedor para quem está em formação. Ela planeja, coloca em prática, avalia e pode voltar na mesma proposta com modificações. A regência de contexto não é isolada em apenas 50 minutos como as demais. Ela dá uma maior noção ao estagiário de como é ser professor, pois no cotidiano o docente não propõe uma atividade em 50 minutos e deixa de lado.” (DARA).

No meu entendimento isso caracteriza maior garantia para os futuros professores recebam os estágios mais participativos e lhe proporcionem maior estímulo ao desafios da realidade da profissão docente. Ainda a esse respeito diante da percepção das diferenças entre esses dois tipos de regências os outros dois professores comentam que, (...) diferente da de 50 minutos, ela te aproxima mais do movimento de formação docente no cotidiano. “Ela te permite corrigir a atividade tendo como o eixo de modificação: a criança. Com isso, desenvolve sua escuta e sua observação. Pilares importantes para uma atividade significativa.” (GAEL).

No artigo PLANEJAMENTO DE CONTEXTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES A PARTIR DA PRÁTICA DE ENSINO as autoras (SOUZA e ARENHART, 2006) também evidenciam que no planejamento de contexto, ou

seja, na experiência de realização de estágio com regência de contexto na Educação Infantil permitiu operar os instrumentos de registros, planejamento e avaliação de forma mais intensa. Concluem:

trata-se, portanto, de ensaiar, a partir do estágio, um modo de ser professor que não passa pelo dirigismo adulto e pela centralidade das ações deste. Ao contrário, o professor aprende a exercer sua docência colocando as crianças, suas experiências com linguagens, a brincadeira, os espaços, no centro da ação pedagógica.

Trata-se, portanto, de planejar e favorecer a experiência das crianças com contextos significativos de aprendizagem, em que essas mobilizam escolhas e relações a partir do espaço organizado pelo professor e das interações com outras crianças. Cabe ao professor atuar como mediador das relações, potencializador e incentivador das iniciativas das crianças, observador de seus interesses e descobertas e organizador de novos contextos de aprendizagem. (SOUZA e ARENHART, 2006, p.201).

Nesse sentido, também está de acordo com os professores que participaram dessa pesquisa. Assim pontua que na regência de contexto o estagiário se torna mais envolvido no sentido de perceber a ação docente mais ampla e emancipatória que se aproxima do real da profissão docente num processo de aprender e ensinar, porque na sequência didática (ao longo dos dias) se faz melhor para observar, refletir e retomar a proposta. Porque é preciso uma reflexão onde os estagiários considerem o pensamento e a ação do outro diante da sua ao longo desse processo. Se realizou uma prática docente que não deu certo, se questionar os porquês e dar continuidade novamente até acertar. O retomar fazendo uma nova intervenção sequencialmente que é o fundamental dessa aprendizagem. E esse processo só o estágio com a regência de contexto proporciona.

A respeito disso, a professora menciona como ocorreu a sua regência de contexto no estágio, afirmando: “Ocorreu melhor do que eu esperava. Porque ter mais que 50 minutos me permitiu sentir melhor a docência. Não é fazer uma atividade isolada e para depois analisar, você tem a oportunidade de ir ajustando seu planejamento a partir da observação de como as crianças interagiriam com a proposta”. (DARA). E também “Penso que o modelo escolhido deveria estar nos outros estágios. Pude sentir mais a turma na hora da atividade. E assim, conhecer mais a turma onde estou.” (LARA). Ainda sobre esse aspecto trago outra resposta para essa pesquisa sobre a opinião

diante dessas diferentes regências. “A diferença é que na regência comum você tem uma fonte de aprendizagem, mas não te traz a segurança para praticar na prática docente. Já na de contexto quando você tem uma oportunidade maior de inserção na realidade do ambiente educacional. Não é apenas um evento isolado. A intencionalidade é maior, temos que pensar em todo o processo com continuidade ou seja, temos o antes, durante e o depois sucessivamente até o fim dos 3 dias da regência .” (LARA).

Na frase “(...) *temos que pensar em todo o processo com continuidade (...)*” fragmento acima retirado de uma das respostas do questionário onde a docente explica sua percepção sobre a regência de contexto. A respeito disto ANA MARIA FREIRE (2001) afirma, *as experiências vivenciadas na escola, com os alunos, com situações reais de ensino-aprendizagem e com a orientadora antes e depois das ações pedagógicas, “cria condições para a realização de aprendizagens que podem proporcionar a aquisição de saberes profissionais e mudanças, quer nas estruturas conceituais, quer nas concepções de ensino”* (FREIRE, 2001, p. 2).

No processo de atividade de regência de contexto quando a docente recorre a palavra “continuidade” para explicar a sua percepção sobre essa experiência. Podemos supor que utiliza a palavra continuidade para definir esse processo de regência de contexto como mais amplo e significativo.

Quanto a participação nessa regência ter contribuído para alterar prática docente na formação em alguma perspectiva. Todos os docentes responderam sim. Ressaltaram que aprenderam um brincar com intencionalidade. Eles também concordaram que a regência seja uma avaliação muito relevante para a formação docente no estágio curricular.

Para outra pergunta do questionário tenta averiguar quais seriam ou não as contribuições desta regência de contexto para o aprimoramento profissional. Os professores escreveram sobre a importância do processo de regência como um aprimoramento profissional.

Destaco duas das respostas desses professores no questionário responderam: “Me fez compreender a dinâmica da docência: Ela marcada de refinamentos. Assim como um diamante passa pelo processo de ser lapidado, é a docência em qualquer nível de ensino. A nossa prática é sempre submetida

à uma lâmina: o público a quem se destina.” (GAEL). “ A regência contribuiu para refletir sobre as minhas práticas, como objeto formativo, foi uma grande oportunidade de pensar num momento diferenciado para com aquela turma em que vivi o estágio obrigatório. Tive que dialogar com o professor da faculdade e com a professora da Instituição que também foi compartilhando essa experiência formativa e essa reflexão se estendeu para a minha prática profissional.” (LARA).

Retomando as respostas desses acadêmicos descritas acima podemos perceber que o estágio foi uma experiência fundamental para a aprendizagem profissional da docência, essa etapa obrigatória na formação de todo professor, sendo, a meu ver, o elemento mais desafiador a ação prática da formação docente (as regências).

Nessa fase é o momento que se percebe a necessidade de colocar em prática as aprendizagens do curso se tem um contexto real de ensino aprendizagem, no qual diferentes fatores interferem nas ações pedagógicas desenvolvidas na instituição de estágio. Dois desses fatores mais mencionados pelos professores regentes na turma estão relacionados ao desinteresse e a indisciplina das crianças. Fazendo uma reflexão como vem sendo desenvolvida a minha formação e, de acordo com o que tenho observado nos estágios. Segundo a autora Alicia Fernanández (2001), “ *o que parece como suposto problema de aprendizagem, na maioria das vezes, corresponde a um fracasso do sistema ensinante*”. Portanto, é preciso repensar a prática docente para que possamos alcançar os objetivos proposto aos alunos. Pois;

[...] a modalidade ensinante de uma pessoa está em relação, por sua vez, com sua própria modalidade de aprendizagem. Quando digo que está em relação, não digo que seja a mesma. Para poder mudar a modalidade de ensino, é necessário mudar a modalidade de aprendizagem. (FERNANDEZ, 2001. Pág. 115)

Dificuldades que ao meu entender precisam ser reavaliadas ao longo de toda a formação. Porque um professor não é capaz de ensinar aquilo que não aprendeu. Se o sistema ensinante é falho, talvez tenha relação com o modo de aprendizagem dos alunos. Então, Buscar modos diferentes de ensinar para

que seja possível realmente aprender. Da mesma forma ocorre no contexto escolar vivido pelas crianças se busca sempre evidenciar problemas biológicos, psíquicos, familiares, emocionais e cognitivos. E o sistema ensina? O modo que se ensina e se aprende . Está sendo refletido? Nessas circunstâncias percebo novamente a necessidade e eficiência numa formação docente capaz de formar profissionais que dominem e tenham consciência dessa realidade do trabalho docente na busca de soluções para essa aprendizagem,

Não é suficiente apenas o cuidar na Educação Infantil ao lançar olhar sobre as novas propostas educacionais para Educação Infantil com base nas DIRETRIZES CURRICULARES que reconhecem a necessidade de reforçar a atuação docente com função pedagógica na Educação Infantil onde as crianças tem o direito de se desenvolverem integralmente como protagonistas que agem, participam, se expressam, imaginam, produzem culturas, enfim trazem consigo muitas potencialidades.

A esse respeito o desafio de organizar os espaços aliados a uma rotina que demanda tempo e ainda pensar no estabelecimento de uma sequência básica atividades diárias para realizar com as crianças que elas gostem e brinquem e ainda seja adequada a cada faixa etária para evitar riscos com propostas inadequadas. Não é tão simples. São várias especificidades que devem ser consideradas ao propor uma atividade pedagógica. A observação e co-participação no estágio de regência em educação infantil não contribuiu nesse sentido para minha formação docente. Foi necessário desnaturalizar as práticas assistencialistas observadas e com suporte da formação acadêmica aliado a principalmente a minha dedicação e disposição para ver e ouvir as crianças e as sua necessidades que obtivemos sucesso.

No fim do estágio de Educação Infantil (após a regência de contexto) já tinha construído um vínculo mais forte com as crianças e principalmente com a professora que até me permitiu contar histórias para crianças (imagens 14 e15). Infelizmente, não pude acompanhar o dia todo para constatar se as mudanças na rotina da “hora do banho” aconteceu pois isso ocorreu no fim do estágio, e fui até a creche apenas finalizar documentação da carga horária na secretária creche. Mesmo assim foi

bacana passar esse ultimo momento de leitura com as crianças e perceber o pontencial de cada uma delas. Realmente uma pena que durante o estágio não tive mais oportunidades de atuar nessa docencia indireta para além da regência de contetxo.

Apesar que se considerar as oportunidades que são oferecidas numa regência comum (com a realização de uma atividade com as crianças) e com a regência de contexto (planejamento de uma sequência didática). Algo que é realizado de uma forma mais (ampla) organizada sequencialmente para desenvolver as potencial das crianças.

A intenção da sequência didática é estruturar o trabalho docente de modo que fique pertinente para as crianças. Assim o docente pode perceber como os pequenos se sentem ao realizar as atividades e podem alterar e resignificar conforme a respostas das crianças. O que não acontece quando você só tem a oportunidade de realizar uma atividade.

Sendo assim, pontuo que para garantir práticas de estágios significativas que respeitem as potencialidades das crianças, e possam favorecer futuras ações integradas de desenvolvimento e Educação Infantil que entendam e forneçam a mesma importância às ações de cuidados e educação, ancoradas principalmente no BRINCAR como promovedor de situações de aprendizagens pertinentes a cada faixa etária.

Além disso, vale lembrar também que o próprio segmento da Educação Infantil demanda maior paciência com relação ao tempo das atividades, pois cada criança tem seu ritmo próprio que deve ser respeitado. E isso pode permitir mais a inserção de regências de contexto porque não trabalha com a lógica das disciplina e nem temos uma fragmentação dos conteúdos como nas outras areas de ensino.

A professora é sempre a mesma que acompanha a turma com auxílio das agentes o que favorece ainda mais essa relação entre professor regente e estagiário para a disponibilidade de espaço para vivenciar mais a prática docente. O que faz com que as crianças tenham mais tempo para criar laço com os estagiários. O resultado é uma experiência de prática docente indireta mais significativa para ambas as partes, ou seja os docentes em formação e as crianças.

3.4 Articulando as percepções dos professores sobre os estágios com regência de contexto na Educação infantil.

Dando continuidade faço uma reflexão sobre essas percepções a respeito das práticas nos estágios com regência de 50 minutos e de contexto realizados como algo positivo. Mas, não posso deixar de chamar atenção para se repensar no estágio supervisionado e como esse aluno estagiário em formação percebe sua inserção nesse contexto de trabalho.

Ao longo das respostas dos questionários me chamou atenção as seguinte afirmações: *“Minha regência foi uma ótima oportunidade de intervenção em resposta a minha indignação as realidades presentes”* e *“Aprendi muito com a visão “o que não fazer” “(...) tentei em vários outros momentos anteriores a regência a oportunidade de alguma intervenção ou aplicação do desenvolvimento da aula e não encontrava espaço.”* (LARA). o que indica que a parceria com as escolas e o modelo de estágio oferecido na formação inicial de professores ainda merece um amadurecimento.

No curso de Pedagogia conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais é exigido ao aluno cumprir a carga horária de estágio. Contudo, para além do cumprimento obrigatório de horas. Pergunta-se: O que tem propiciado com relação a resultados positivos e efetivos na formação inicial desses professores?

A escola parceira tem a função de receber o estagiário e promover sua imersão em situações reais de ensino e aprendizagem e o licenciando deve observar, interagir, refletir e levando em consideração as situações reais do contexto educacional. Diante disso formamos uma parceria professor regente, estagiário e professor orientador para propor no estágio na regência uma prática reflexiva e significativa para todos e principalmente que considere o desenvolvimento das crianças.

No meu caso, comecei o estágio sem me identificar com a Educação Infantil e sai com uma visão totalmente diferente. A razão, foi a regência de contexto no estágio ter sido de longe a melhor que realizei. Questiono se tivesse apenas 50 minutos de prática docente teria o mesmo posicionamento. Levando em consideração a experiência de estágio que

tive, tão negativa com relação a prática docente regente em observação, e o primeiro dia da regência de contexto na Educação Infantil ter ocorrido de forma tão conturbada. Acredito que não, porque a oportunidade de realizar uma sequência didática no estágio com acompanhamento que fez realmente a diferença, me deu a motivação necessária para ver que é possível superar os desafios da profissão docente.

Quando idealizamos o planejamento por mais que tenha ficado incrível no papel a prática acontece de forma totalmente diferente. E só conforme a minha regência de contexto acontecia foi possível com a continuidade ter a oportunidade de alterar algumas vezes o planejamento percebendo o que deu errado e podia melhorar, até atingir o objetivo principal que foi proposto.

Ao mesmo tempo que via nitidamente a articulação dos textos e as discussões em sala de aula conhecia o que é a dinâmica escolar e como é se trabalhar com as crianças. Levando em consideração que não tinha nenhuma experiência com esse segmento. E só a partir daí que me situei do que se trata a prática docente na Educação Infantil. É lógico que também devemos considerar que o plano de aula em outro segmento de ensino pode ser alterado ao longo da duração da aula de acordo com o retorno dos alunos. Só que neste caso não se tem a oportunidade de avaliar a partir do distanciamento para retomar.

Sendo assim, as respostas dos questionários revelam que a regência de contexto foi de suma importância na formação dos docentes pesquisados (inclusive na minha formação).

Desse modo, somente ela (regência de contexto) me proporcionou o diferencial de uma reflexão sobre a ação docente na disciplina de prática em Educação Infantil com uma intervenção pedagógica na rotina conflituosa na hora do banho das crianças na creche.

Sobre isso, não posso deixar de mencionar que me deixa extremamente satisfeita porque esse movimento que compôs este trabalho de monografia nasceu do estágio com regência de contexto na Educação Infantil. Do desejo de saber e entender como se deu para os outros docentes pesquisados essa experiência de regência de contexto

se possuíam as mesmas percepções que a minha a respeito desse tipo de regência.

E ao olhar e analisar a regência de contexto a partir das perspectivas dos professores recém formados na UFRJ me permitiu revelar uma série de aspectos que antes não estavam tão claros, como algumas diferenças entre o que está posto e o que é realmente realizado. Acerca disso, retomo a afirmação destacada em uma das respostas do questionário, “A regência de contexto não é isolada em apenas 50 minutos como as demais. Ela dá uma maior noção ao estagiário de como é ser professor, pois no cotidiano o docente não propõe uma atividade em 50 minutos e deixa de lado.” (DARA).

Então é isso, lógico que dentro das possibilidades temos que refletir que a prática docente não é um evento isolado, como afirmou a professora. Mas, considero um evento de ensaio para outras práticas docentes mais reflexivas.

Cabe deixar claro que não estou desprezando e muito menos negando qualquer tipo de conhecimento adquirido da regência comum nas outras disciplinas de práticas da minha formação. Todas elas (regências) me trouxeram experiências e conhecimentos que me constituem e inclusive me proporciona a base para discutir sobre os diferentes estágios de regência.

Só almejo, respaldada por essa pequena investigação, evidenciar que os docentes pesquisados recém formados por essa prática de regência de contexto reconhecem nessa experiência no estágio curricular um papel formador mais amplo na formação acadêmica. Inclusive uma dessas docentes menciona a possibilidade desse tipo de regência se estender para outras disciplinas de práticas.

Em outras palavras, durante todo o período de estágio observei uma prática docente marcada pela rotina mecanizada (higiene, alimentação e repouso) das crianças na creche. Raramente tinha tempo para atividades pedagógicas e quando aconteciam não era significativo para as crianças, apenas tinham o objetivo de cumprir registros obrigatórios para SME (Secretaria Municipal de Educação).

Sendo assim, se eu não tivesse o suporte da disciplina de prática em Educação Infantil para dar conta de desnaturalizar meu olhar, mostrando outras variadas experiências significativas que exploravam as potencialidades das crianças. Não teria o julgamento necessário para propor uma prática docente diferente, continuaria reproduzindo a mesma prática de observação no estágio curricular. Segundo Ana Maria Freire (2001), o estágio permite uma aproximação ao futuro campo de atuação profissional e “promove a aquisição de um saber, de um saber fazer e de um saber julgar as conseqüências das ações didáticas e pedagógicas desenvolvidas no cotidiano profissional” (FREIRE, 2001, p. 2).

Na análise dos questionários é possível afirmar que os acadêmicos evidenciam que por ter mais oportunidades de exercer a sua prática docente na turma, se sentiam mais seguros e confiantes. Porque estavam dando continuidade a uma atividade pedagógica da sequência didática. Apontam assim, que a prática docente não é um evento isolado (de 50 minutos), e isso não corresponde necessariamente com o real, ambos sinalizam que quando se tem a oportunidade de planejar a sequência didática o estagiário como futuro professor consegue se aproximar mais do real cotidiano da profissão docente.

Na minha regência de contexto refletimos sobre a rotina do banho das crianças na creche, intervindo no espaço criando diferentes ambientes alteramos a rotina dos cuidados corporais algo negativo. Transformando em algo agradável e principalmente integrador desse brincar e cuidar. Pois, os pequenos tiveram a chance de brincar nos ambientes diferentes e divertidos e sair normalmente para o sem conflitos.

Nas outras regências de contexto pesquisadas tivemos a organização dos espaços. E assim compartilhando pontos de vista, conhecimentos para alcançar o mais importante o desenvolvimento dos pequenos.

Para muitos o estágio de regência é a primeira oportunidade de contato com a prática docente, assumir essa missão de ter o “domínio da turma,” Cabe destacar que domínio de turma não significa silenciar e controlar o comportamento das crianças na turma. É algo mais difícil significa conseguir ir envolvendo os pequenos com atividades lúdicas para promover seu desenvolvimento infantil.

Quando se tem na regência de contexto mais de uma oportunidade de experienciar essa formação, maior é a segurança nesse ambiente. Tendo em vista que é mais do que realizar atividades e organizar a classe. Temos o aspecto social como mais relevante.

Afinal dar as crianças logo cedo a chance de desenvolver a consciência social no ambiente escolar com personalidades diversas, é promover desde cedo o caminho para torna-se um adulto que, adiante, respeite as diferenças e lute pela igualdade de direitos. E isso vai além da execução de uma única aula como avaliação das disciplinas de práticas. Também foge dos possíveis modelos de relatórios descritivos de estágio porque acontece um exercício de organização das ideias, se na primeira aula algo que não deu certo, o que posso fazer para melhorar? A ação acontece tendo um feedback no sentido de reforçar a realidade dessa profissão docente. Afinal, a tarefa dos professores é diária para tentar entender e acima de tudo intervir com melhorias para nossa realidade educacional.

Nesse sentido, a regência de contexto melhor contempla a formação com encadeado de passos com etapas ligadas entre si para tornar mais eficiente o processo de aprendizado de ambas as partes envolvidas, ou seja, tanto os estagiários na sua formação docente, como também dos professores orientador e o regente que auxiliam no planejamento da sequência didática refletindo as práticas nas creches, e por último, abrange principalmente as crianças com uma proposta que intervém como melhoria e não só como mais alguma atividade de regência.

Lógico que é relevante considerar que não existe receita mágica que consiga deixar o aluno estagiário totalmente pronto para exercer a profissão docente. Isso é impossível. Considerando a complexidade e responsabilidade do ser professor na formação humana que vai além de lidar com aspectos didáticos e conhecimento teórico.

O resultado dessa pesquisa é no sentido de trazer mais possibilidades de práticas com esse tipo de regência de contexto para conferir novas discussões a respeito. Fomentar uma maior articulação com a ação do profissional docente. Já que temos pouco investimento na parte prática em relação a teórica, sendo que ambas são indissociáveis e de igual importância na formação oferecida no curso de Pedagogia.

Vale também dizer, que o interesse por essa pesquisa surgiu da minha experiência positiva com a regência de contexto no estágio curricular, tendo em vista que desde meu ingresso na universidade, sempre tive a dificuldade de fazer o elo entre a teoria e a prática. Com a disciplina de Prática em Educação infantil conquistei isso que é imprescindível para o enriquecimento da prática pedagógica.

Com experiência uma longa experiência com estágio remunerado no segmento do ensino fundamental partir para educação infantil foi um grande desafio. Não só em desnaturalizar as práticas da professora regente em observação como também trabalhar no sentido de reavaliar minhas próprias ações e convicções adquiridas através do senso comum sem base em nenhuma reflexão. E se no primeiro momento tudo parecia normal e inquestionável, com o tempo de observação, reflexão e a realização do meu planejamento de contexto diante da problematização da rotina “hora do banho” os questionamentos foram surgindo. Após experiência da regência e posteriormente com a nova realização com alterações foi o que mobilizou uma prática pedagógica clara, coerente, relevante e bem elaborada para aquelas crianças.

Toda essa experiência foi muito significativa no sentido que me trouxe mais segurança para atuar no segmento de Educação Infantil. Quando fui a secretária da creche finalizar a documentação do estágio ao ser convidada pela professora regente para contar uma história para crianças a minha postura já era outra. Existia uma troca, uma energia com aquelas crianças e tudo foi fluindo na contação de história.

Por fim, venho elucidar que a pretensão da pesquisa em nenhum momento foi estabelecer possíveis críticas negativas ao modelo vigente de regência comum em contraposição a regência de contexto. Pelo contrário foi levantar questões para reflexão e mostra a regência de contexto dentro do estágio curricular na disciplina de Prática em Educação Infantil. Até porque a regência de contexto só acontece na Prática de Educação Infantil e cada segmento tem suas especificidades. E seja de maneira “única ou ampliada” os professores são unânimes em afirmar a necessidade, a relevância e importância das regências (seja ela qual for) como aprendizagem para a formação da sua prática docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A função do estágio é ser construtor de aprendizagens significativas no processo de formação dos professores. Isso significa que promove todos os conhecimentos relacionados à docência, não apenas a parte teórica nos cursos de formação, mas também a parte prática. A harmonia entre a teoria e a prática ainda não foi totalmente estabelecida. Se assim fosse, a prática seria uma avaliação final com peso de reprovação e igualmente como são exigidos os conhecimentos teóricos construídos ao longo do curso de Pedagogia.

Pelo contrário, mesmo com as disciplinas prática desenvolvidas no curso durante o estágio sendo uma avaliação que é responsável pela construção de conhecimentos e capaz de contribuir com a profissionalização docente não tem peso igual a reflexão teórica. Lógico que entendo, que a prática e a teoria caminham juntos e o mais importante é promover aos estagiários práticas docentes significativas que lhe tragam reflexões que embasam a prática pedagógica. O aprofundamento do saber só ocorre quando se tem a reflexão sobre o vivido com a fundamentação teórica. Para além, de todo o domínio de conteúdos adquiridos ao longo da formação acadêmica o mais importante é sempre ressignificar a prática pedagógica.

Nesse sentido os acadêmicos que participaram dessa pesquisa destacaram que as aprendizagens proporcionadas pelo estágio com regência de contexto se fez mais significativa no sentido do saber agir em diferentes situações, considerando os momentos em que é necessário adaptar o plano de aula, aos interesses das crianças que demonstravam em certas atividades mais envolvimento, tinham um tempo maior para as mudanças. O que não ocorre na regência com duração de 50 minutos visto que não se tem outra oportunidade de dar continuidade na aula/ atividade.

A respeito disto cabe ressaltar que a concordância foi geral entre os docentes que participaram dessa pesquisa ao afirmar que ao longo do período de estágio nas disciplinas de práticas a participação se deu através da

observação e co-participação para além não encontram espaço para alguma intervenção/proposta atividade com exceção nas regências.

Assim, penso que é necessário lançar um olhar mais cuidadoso a este campo prático de conhecimento no curso de formação de professores, para que não só o estágio assuma a sua importância enquanto atividade formadora essencial, mas as práticas que ele proporciona possa ser relevantes para construir a identidade profissional dos futuros professores a partir de ações significativas na prática refletidas sob as teorias.

Enfim, penso que a universidade deve ser um espaço onde “o porquê”, “o quê”, e como ensinar e aprender estão presentes nas falas dos professores, mas que também prepara para o trabalho docente real encarando com seriedade firmemente todos os desafios presentes nas escolas.

Afirmo isto porque percebo uma necessidade de maior equilíbrio nessa relação teoria e prática. Como já foi mencionado as atividades de práticas ainda são limitadas aos estágios curriculares o que deixa o futuro professor entregue a sorte em fazer parte de um grupo de professores regentes que entenda seu papel de formador na vida profissional desse futuro pedagogo.

Considerando que nem todos os alunos estagiários tem as mesmas oportunidades de exercer sua prática docente em instituições públicas de referências provavelmente fica limitado a atividade de observação com pouquíssimas exceções, assim o estágio supervisionado pode se tornar vago e limitado a mera atividade de observação e o resultado é que não se constituem práticas efetivas diante de um contexto deste.

Portanto, pensar em ações de práticas docentes mais ampliadas como no caso da regência de contexto que nesse estudo se mostrou ser mais significativa. Assim, só teríamos a ganhar se buscássemos unir de forma efetiva esses dois componentes teoria e prática.

Enfim, estas considerações não encerram as discussões acerca das práticas nos estágios com regência de contexto estamos num espaço de formação profissional da docência o que permite deduzir que é necessário buscar olhar com atenção para o campo prático de conhecimento no nosso curso de Pedagogia e tentar inserir mais essas alternativas novas para qualificar ainda mais a formação docente, a fim de contribuir com a formação dos futuros profissionais que atuarão em nossas escolas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, M. C.S.; HORN, M.G.S Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY C, KAERCHER, G.E. Educação Infantil. Pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Por amor e por força: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artemed, 2006. P.119-135.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília : MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Referencial Curricular Para a Educação Infantil. v. 1, Brasília: MEC/SEF, 1998.

Congresso de Estudos da Infância (8-10 ago. 2017 : Rio de Janeiro, RJ). Anais do Congresso de Estudos da Infância. – Rio de Janeiro, 2017. Artigo: Daniela Honorio de Sousa e Deise Arenhart - PLANEJAMENTO DE CONTEXTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES A PARTIR DA PRÁTICA DE ENSINO p. 201 -207.

FERNÁNDEZ, Alicia. Os Idiomas do Aprendiz: análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREIRE, Ana Maria. Concepções Orientadoras do Processo de Aprendizagem do Ensino nos Estágios Pedagógicos. Colóquio: Modelos e Práticas de formação Inicial de Professores, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa. Lisboa, Portugal, 2001. Disponível em: www.educ.fc.ul.pt/recentes/mpfip/pdfs/afreire.pdf. Acesso em 20/03/2019.

SACRISTÁN, Gimeno; GÓMEZ, A. I. Pérez (Org.). Comprender e transformar o ensino. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. Cap.8 p.198-231.

GUIMARÃES Daniela & BARBOSA Silva. Cadê a Viviane? Cadê a Ingrid?- visibilidade E invisibilidade das crianças na creche. IN: KRAMER Sonia (org) Retratos de um desafio: crianças e adultos na Educação Infantil. São Paulo: Ática, 2009.

GUIMARÃES Daniela. Educação Infantil: Espaços e experiências. IN: CORSINO Patrícia (org) Educação Infantil: cotidiano e políticas. São Paulo: Editores Associados 2009, P.93-194.

OSTETTO, Luciana E. O planejamento na educação Infantil: mais do que a atividade, a criança em foco. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (Org.). Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágios. Campinas/ SP: Papirus, 2000. pp. 175-200.

OSTETTO, Esmeralda. Luciana. Educação Infantil: Saberes e fazeres da formação de professores. Campinas; Papirus, 2008.

REZENDE, M.A. SILVA, C V. Cuidado em creches e pré- escolas segundos os pressupostos de Mayeroff. Acta Paul. Enf. v.15, n 4, p. 73-78, 2002.

ZABALZA, Miguel A. Diário de Aula: Um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Zabalza, Miguel; trad. Ernani Rosa – Porto Alegre: Artmed, 2004.

ALTERAÇÕES NAS HORAS ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFRJ disponível em:
<<http://www2.educacao.fe.ufrj.br/2018/03/23/esclarecimento-sobre-a-mudanca-nas-horas-do-estagio-supervisionado-da-pedagogia/>> acesso:18 maio 2018 às 15:16 h.

